

WLADIMIR OLIVIER

OITAVAS DE ESPERANÇA

ESPÍRITOS DIVERSOS

Saiba, irmão, que estes versos
provieram da Espiritualidade!

ÍNDICE

1. Proposição
2. Guerra civil
3. Versos tortos
4. Quarta dimensão
5. Saco de rimas
6. Venho devagar
7. Junto ao mar
8. Natimortos
9. Ares doutorais
10. O desafio da leitura
11. Ensinos de Kardec
12. Conselhos do *andar de cima*
13. O bem que não machuca
14. Os prismas materiais
15. Modéstia em versos
16. Vamos seguir Jesus
17. É preciso entender
18. O tempero do verso
19. Meu bem-querer
20. Amizade entre os planos
21. Convite irrecusável
22. A hora da morte
23. O mistério destes versos
24. Na corda bamba
25. Soturnos versos
26. Desafio aos poetas
27. A casca do abacaxi
28. Lembrando a lei maior
29. O meu tormento
30. O trabalho de versejar
31. Trova de ex-militar
32. Um trapalhão
33. Lembrando Tom Jobim
34. Meus enganos

- 35. Retirando a venda
- 36. Hurra!
- 37. Meu rogo ao bom leitor
- 38. Em dia de tempestade
- 39. Para o médium e família
- 40. Rimas de sofredor
- 41. Meu triste drama
- 42. Com muito amor
- 43. Reacendendo as esperanças

1

PROPOSIÇÃO

As artes praticadas cá no Etéreo
Parecem, muitas vezes, co'as da Terra.
A prosa é a mais comum, que assunto sério
Encontra cabedal onde se encerra.
P'ra tema em que se exige bom mistério,
Os versos servem bem, em doce guerra,
Que o sentimento n'arte sempre alcança
Dar a todas as almas esperança.

Não quero estimular o meu leitor
A ver em mim um novo e bom Camões.
Se venho alguma oitava aqui compor,
Não faço p'ra causar tais ilusões.
Esteja bom o verso, quanto for,
Há sempre de se acharem os senões,
Pois a composição serve de entrave,
Se o tema for pretensamente grave.

Vou começar, assim, muito de leve,
Pois sinto que há temor solto no ar.
Faz tempo já que o médium nosso escreve
E não irei dizer que devagar,
Mas nada existe aqui que logo o enleve,
Porquanto não consegue aquilatar.

Coloca-se de lado, enquanto dito,
Estando o coração bastante aflito.

Os versos que deseja receber
Estão bastante acima dos que faço.
Que pena não ter eu esse poder,
Para ocupar melhor o nobre espaço.
Mas vou cumprindo com o meu dever,
Sentindo o peso grave no cachaço
De responder aos pontos da Doutrina,
Conforme as leis que o Mestre nos ensina.

Ainda bem que estou vencendo a rima,
Em métrica perfeita para os versos.
É um bom começo que o encarnado estima,
Quando os labores são incontroversos.
Suor e lágrimas o amor sublima,
Tornando os temas vis menos perversos,
Pois tudo o que se faz de coração
É gérmen para os bens que brotarão.

Nesta poesia cabem bons conselhos,
Pois as virtudes geram compromisso.
Não há falar de novos ***Evangelhos***,
Sem prometer prestar muito serviço.
Estando as leis nos outros, os mais velhos,
É hora de se estar bem certo disso.
Irei pôr mãos à obra com vigor,
Que o tempo que perder não sei repor.

Não posso prometer que tudo faça,
Mas posso dar de mim, sem ter usura.
Não tomem, por favor, mel com cachaça,
Nem pensem ser melhor tomá-la pura.
O caro amigo aceita ou bem rechaça
A ideia, porque a pinga sempre cura
Os males que atormentam sua alma,
Porquanto, entorpecida, mais se acalma?

Mas, ao voltar a si, novo tormento
Se acrescenta aos temores da consciência.
Talvez lhe passe até no pensamento
Não existir remédio, na ciência,
Para curar o mal do sentimento,
Quando a bebida apaga a refulgência
Do amor do Pai por toda a sua gente,
Que, sóbrio, o gajo nega, mas presente...

Eis uma amostra do que seja a trova
Com que pretendo contemplar o povo.
Um tanto alegre, que a alegria prova
Que, no meu galho, nasce algum renovo,
Já que cansei de dar tremenda sova
E de sofrer revide aqui, de novo.
Quando nada se tem a oferecer,
Não se pode almejar a bem-querer.

A Deus eu peço, agora, que perdoe
O atrevimento rude do meu verso,
E que nos ame a todos e abençoe,
Embora o seu rebanho vá disperso.
Ainda que o poema jamais soe,
Pois estas armas, sem vigor, eu terço,
Ponha, Senhor, um átimo de luz,
P'ra que se lembre a gente de Jesus.

2

GUERRA CIVIL

As lutas que campeiam pelo mundo
Não dão sentido para a própria vida:
O sentimento de ódio mais profundo
Jamais há de mostrar qualquer saída.
Quando este mar de versos com que inundo
A Terra a meditar no bem convida,
O homem vira o rosto para o lado
E diz mui agressivo: — *Eu não me agrado!...*

As guerras que se dão lá nas favelas
Demonstram a falência da bondade.
As leis que ali vigoram são aquelas
Com que a força das armas persuade
A ver a morte e a dor, como as mais belas
Das emoções do mal, que amor não há-de
Sobrepujar o vício que se espalha,
Enquanto a voz do Cristo é fogo em palha.

Na idade em que a existência mais se alteia,
É quando o homem fica apaixonado.
Nos morros, a maldade é coisa feia,
A ponto desse amor ficar de lado.
Quando alguém se interessa e cambaleia,
Demonstrando à parceira o seu agrado,
Vai ter de mergulhar o triste afeto

No ódio, sentimento predileto.

Terei feito entender o contrassenso
Do amor que se comparte com o mal?
A descurar dos seus está propenso,
Em um processo pouco natural.
O drama vai ficando tão intenso
Que as reações o tornam animal:
Roubar, matar, causar só inquietudes
Alcançam nele foros de virtudes.

Pensar na vida é estar diante da morte:
Quem não pensa em morrer está alienado.
O criminoso não aceita a sorte
E tece o mau destino acomodado,
Julgando que não há força que aborte
O poder de matar, por ser de agrado.
Por isso, não atina com Jesus
E toda esta existência a si reduz.

A juventude perde o doce enlevo
De reter, na amizade, o companheiro.
Enquanto um verso só aqui escrevo,
Alguém está a matar o seu parceiro.
E há quem diga que, na rima, devo
Deixar de lado o crime, pois requeiro
Dos inocentes que ajam com vigor,
Sem lhes dar força para o bem compor.

Falar do meu trabalho eu não queria,
Que a turma se cansou da mesma rima,
Por isso, imaginei que a tal poesia
Pudesse agasalhar um outro clima.
E o que há mais notório, hoje em dia,
Que o homem, cá na Terra, desanima?
É a guerra civil, é a chacina
Causada pelos reis da cocaína.

Espiritistas que nos dão respaldo
Vão compreender o que Jesus ensina,
Quando transforma a água em doce caldo,
Em vinho de alegria, de uva fina.
É que, apesar de tudo, haverá saldo,
Nesse repto de dor da cocaína,
Pois nos faz meditar sobre a consciência,
Porque a Doutrina Espírita é ciência.

Toda moral é o homem quem aplica,
Por isso é que se faz mais responsável.
A gente, neste Mundo, pobre ou rica,
Não se pode esquivar de ser saudável,
Pois é como Kardec exemplifica
O Espiritismo, como perdurável:
Ou se luta, sem temor, pela verdade,
Ou se descai no abismo da impiedade.

Quisera trazer versos mais bonitos,
Capazes de mexer co'os sentimentos,
Mas vi os corações tristes, aflitos,
Por serem tão terríveis seus tormentos,
E quis atenuar os altos gritos,
Em rimas cujos sons fossem mais lentos,
Que o Pai há de atender a toda a gente
Que possa se expressar confiantemente.

3

VERSOS TORTOS

As dúvidas que surgem, no trabalho,
Atiçam a melhor curiosidade.
Reflete este escrevente: — *Se hoje eu falho,*
Espero que o poeta não se enfade,
Que a rima, ao tornar-se quebra-galho,
Lhe faz sentir da Terra mais saudade...
Eu lhe digo p'ra ir bem devagar:
Não me importo, se o verso melhorar...

Se não forem dez trovas, cada dia,
Poderão ser só nove... ou bem oito...
Se sete contiverem a poesia,
Com seis, ele há de estar menos afoito.
Com cinco, então, até descansaria.
Se forem quatro, aí eu que me amoito.
Mas, se apanhar só três que o tema una,
Irei tornar a dádiva oportuna.

Caso, algum dia, o verso mais se apresse
E chegue sem cuidados, quanto à rima,
É bom que o caro amigo reze a prece,
Aquele que minh'alma reanima,
Pois o poeta, às vezes, desfalece
E o verso fica torto, sem a lima,

Que o uso do formão escandaliza,
Porque se quer a trova como a brisa.

Encerrarei o dia com respeito,
Que o pobre amigo aí já se esfalfou.
Se o verso estiver torto, dou um jeito:
Na eternidade nada destoou.
— *O tempo desse verbo eu não aceito,*
Porque, na eternidade, eu sempre sou.
Se alguém disser assim, tiro o chapéu
E peço que me ensine a ir ao Céu.

4

QUARTA DIMENSÃO

Das quatro dimensões de minha vida,
Três se encontram no espaço da matéria.
A quarta adentra a história comovida
De quem já se livrou de vil miséria
E se projeta em ondas pela lida,
Que me promete ser demais de séria:
O tempo consolida a dimensão
Que irá fazer que nada seja vão.

Um dia, ao despertar aqui no etéreo,
O amigo irá saber se o compromisso
Revelará, em parte, o tal mistério,
Pois tudo irá medir-se no serviço.
Responsabilidade é tema sério:
É bom ter consciência agora disso,
Caso contrário, tudo o que se escreve
Não é p'ra ser sabido muito em breve.

O que fazer p'ra se chegar sem medo?
Ler o ***Evangelho*** e se deixar levar
Nas leis do amor, pois nunca é muito cedo
Para o procedimento melhorar.
Não se trata de simples arremedo,
Reserva maliciosa de um lugar:
É trabalhar p'ro bem doutras pessoas;

Tornar sublimes coisas que são boas.

Não há descanso, ao se fazer o bem:
Mesmo dormindo, a alma continua
Agindo nos setores que convêm.
O Sol, à noite, brilha pela Lua,
Dando aos viventes o melhor que tem.
Veja você como a maldade atua,
Sem descansar jamais, porque, perversa,
Nunca recua, quando as armas terça.

Estes meus versos surgem do trabalho
Com que pretendo vir junto aos mortais.
Se lhes oferecerem agasalho,
Julgando mui honestos e morais,
Talvez possam mostrar que existe atalho
Para se conseguir um pouco mais,
Que o despertar alheio é o principal
Dos dons do socorrismo universal.

Caso eu me perca, pelo verso fraco,
Não te desgostes, caro amigo atento,
Pensa na Lua, um astro tão opaco,
Sem ar, sem água e sem nenhum alento,
Mas uma qualidade eu lhe destaco:
A de existir em massa e movimento,
A permitir que a vida, cá na Terra,
Se dê na plenitude a que se aferra.

Minha presença aqui também garante
Que o caro amigo vai continuar.
Talvez não venha a ser muito importante
Que esteja a usufruir este lugar,
Mas como se encontrar do Pai distante
E ao mesmo tempo se aperfeiçoar?
É bom que alguém te lembre do evangelho,
Ainda que te encontres muito velho.

Tenho falado em guerras, morticínios,
A transtornar as almas impolutas.
Não vim fazer, porém, maus vaticínios,
Mas constatar as causas dessas lutas
E abrir do bem os ricos escrutínios,
Para tornar as mentes mais astutas,
Pois não ter medo de enfrentar a morte
Pressupõe nas maldades fundo corte.

Há quem responda pela sociedade,
Já que maneja as leis e a economia.
Se um verso meu um desses persuade,
A ver que o bem o Céu lhe escancaria,
Há de ser justo ter felicidade,
No campo pedregoso da poesia,
Pois, p'ra obter de Deus a sua bênção,
Não há que se esperar que todos vençam.

Para encerrar o dia satisfeitos,
Devemos esquecer o tema bélico
E dar os versos todos por aceitos,
Como se fosse o autor um ser angélico.
Aí, os corações vibram nos peitos,
Com forte batimento psicodélico,
E todo o povo ao Pai mais agradece,
Orando de Jesus a bela prece.

5

SACO DE RIMAS

Estradas percorridas sem destino
Nos fazem recordar a vida etérea.
Se é livre essa pessoa de menino,
Não se importando estar em vil miséria,
Enfrentará a dor sem desatino,
Sabendo que a maldade é coisa séria,
Mas, para progredir, Kardec ensina:
Deve aprender as normas da Doutrina.

Fazer o bem é regra superior:
Não há progresso sem se amar a grei,
Porém, o sentimento há de compor
Um só fator perante cada lei,
Que é ter consciência, sim, de toda dor,
Ao afirmar, sem medo: — *Eu sei que erre!* —
Pois, ao saber a causa, se compreende
Como levar adiante o bem que agenda.

Eu saberia vir dar bom conselho,
Compondo versos de vigor extremo,
Mas, se puser aqui só um espelho,
Trejeitos não faria como um demo,
Pois teria de armar um aparelho
Que a todos desse olhos, bem supremo,
Para que cada qual veja a si mesmo,
Pois, nesse caso, querem ver a esmo.

Ao ler tais versos, vão dizer que minto,
Que o pessimismo absorveu-me a alma.
Mas, se vier e não disser que sinto,
Não me dará o grupo minha palma.
Jesus quem disse que a galinha o pinto,
Sob as asas protege e bem acalma,
Mas a ciscar ensina, pelo chão,
Para não falecer de inanição.

Deve saber o mestre muito mais,
Para ensinar a quem esteja fraco.
Do etéreo chegam luzes aos mortais
— E isso apenas eu aqui destaco —.
Mas ouvimos: — *Por que nos exortais,
Trazendo tais besteiras, nesse saco?*
Pois, se não me seguram, eu iria
Apresentar-me noutra freguesia.

A graça que fazemos é de graça:
Não deve ser levada muito a sério;
Mas alguma noção o verso passa,
Para tornar mais fácil o mistério,
Pois não existe gema aqui sem jaça,
Nem tudo tem um santo refrigerio.
Trabalhar e estudar são componentes
Que produzem projetos consequentes.

Quem trazer para cá sua preguiça
E pensar que dará um jeito em tudo
Vai perceber que o carro logo enguiça:
A forma é que provém do conteúdo.
É como aqui se enche esta linguixa,
Com verve e com doutrina, sobretudo,
Mas a graça termina com a rima;
O ensino fortalece e reanima.

Já falamos de mortes e de guerra;

Já brincamos co'a rima da poesia.
Qual *estandarte ao Sol o bem descerra*,
Para trazer à gente esta alegria?
O Espiritismo é luz que põe por terra
A sombra da maldade, que eu não via
Contaminar a alma, quando vivo,
Pois só queria ser mais criativo.

Não penses, ó leitor, que trago ainda
O mesmo diapasão da melodia.
A trova até que está muito mais linda
Do que os tartamudeios que daria,
Julgando que a beleza estava finda,
Aí na Terra, quando a turma ria,
De quem nos lia, com espanto, sérios,
Por terminarmos lá nos cemitérios.

Mas há mais vida ali depois da morte:
Agora compreendemos, finalmente.
Então, viemos cá tentar a sorte,
Sem pretender puxar o pé da gente,
No aguardo de que só um pouquinho entorte
A ideia de quem vive indiferente,
Trazendo uma esperança bem melhor
A quem conhece o inferno astral de cor.

6

VENHO DEVAGAR

Eu não prometo mais que simples versos,
Na tentativa útil de ensinar.
Assim, se quase todos saem perversos,
Não percas tempo, segue devagar.
Nada é pior do que manter dispersos
Os que sustentam juntos o lugar,
Que a vibração maior vem do poeta,
P'ra que a tarefa fique mais completa.

O caro médium, sim, deve entender
Que concentrar-se exige muita paz.
Aqui chegando, p'ra cumprir dever,
Deve saber como é que a turma faz,
Pois não lhe cabe um mínimo sofrer;
Apenas escrever, o que é capaz,
Sem esperar que o verso soe bem,
Nem que se ajeite ao gosto de ninguém.

Quando reclama, o médium tem razão,
Pois este tema é muito cansativo:
Sem variar a rima ou o refrão,
Não há dizer que sou bem criativo.
Aí, as trovas não comportarão
Um sentimento d'alma muito vivo.
Há de valer o metro pelo metro

E o rei carrega inutilmente o cetro.

— *Eu sou Jesus e digo que vos amo!* —
Vai duvidar o povo e pôr de lado
Este meu verso, que é onde reclamo
De que ninguém se alegra co' o ditado.
Um simples fruto verde neste ramo,
Ninguém quer esperar fique dourado,
Mas, se Jesus vier p'ra versejar,
Que outra rima irá pôr no lugar?!...

Sabido o companheiro que verseja
E diz que tudo está em seu lugar.
Crescesse, cá na pele, brotoeja,
Diria para nunca as apertar.
Até um cheio copo de cerveja
Saberia ao leitor recomendar,
Dizendo que Jesus, se aqui estivesse,
Poria os sentimentos numa prece.

De pé, encontra meios de escrever
O médium, que me diz que não tem pressa:
Queria só cumprir o bom dever,
Sabendo que os compassos atravessa,
Ao intentar dispor, com seu poder,
A rima, nesta estrofe má à beça,
Julgando que a tal chave abre a porta
Da alma que se encontra meio morta.

São leves os meus versos, finalmente:
Flutuam neste espaço como plumas.
Assim é que eu queria que esta gente
Fizesse muitas rimas, digo, algumas,
Já que o poeta vibra, ri e sente,
Na beleza sutil destas espumas,
Que existe mais nobreza em fazer rir
Do que pintar mui negro um mau porvir.

Quem tece o seu destino com bondade
Não vai temer futuro em desalinho.
Quem queira que do verso meu se agrade
Não poderá ferir-se neste espinho,
A menos que relembre, com saudade,
Da estima da mamãe, do seu carinho,
Mas isso não compete mais a mim,
E nem o sentimento é tão ruim.

Se o verso conservar este jaez,
Será que obterei a nobre estima
De alguém que irá sentir-se meu freguês,
Posto repita tanto a mesma rima,
Ou posso terminar logo, de vez,
Pois nem assim a dor cá se sublima?
Em nome de Jesus, requeiro paz,
Pois tudo quanto fiz, qualquer um faz.

Se reconheço a minha lentidão,
Se o verso aqui declaro, mau, sem jeito,
Se a rima o mais que exige é o teu perdão,
Se o meu refrão não te requer respeito,
Amigo, faze um verso muito são,
Daqueles pelos quais eu cá espreito,
Inunda este poema com tal luz
Como se aqui estivesse o bom Jesus.

Dirias, certamente, um verso lindo,
Ao modo dos poetas sempiternos.
Lembrarias Jesus, de amor infindo,
Com seus ensinamentos justos, ternos.
As leis revelarias, sempre rindo,
Sem ameaças de eternals infernos.
Que o teu perfil da vida lembre um velho
Em paz, pela certeza do evangelho.

Vou declarar-me, assim, arrependido,
Por ter flanado, tolo, na poesia.

Caso estivesse bem, teria tido
Um sentimento rico de alegria.
Ainda bem que não estou perdido,
Pois reconheço que melhor faria,
Se desse ao pessoal da minha grei
O modo de aplicar na vida a Lei.

7

JUNTO AO MAR

Estive, noutro dia, passeando,
Que a gente se aborrece, cá no etéreo,
Quando, insistentemente, o antigo bando
Nos busca apenas lá no cemitério,
E o nosso sacrifício é grande, infando,
Bolando as rimas, num cortejo sério.
Fui visitar o mar, deserta praia,
Em horas em que o Sol se põe, desmaia.

Queria meditar mais sobre a vida,
Pois sempre nos atiça o seu mistério.
A morte superada não convida
Apenas a gozar de refrigério.
A dor do amigo sangra esta ferida:
A gente não é mais água e minério,
Mas sente o coração bater bem forte,
Rogando p'ra que a vida não aborte.

Iluminava o Sol aquelas águas.
Eu punha o pensamento bem distante,
Nos tempos mais terríveis dessas mágoas,
Em que a maldade a vida não garante
E o inferno prometia duras fráguas,
Por não levar em conta o semelhante,
Pois, imbecil, lembrava do evangelho,

Como remédio, p'ra tomar de velho.

Às vezes, cá na Terra, eu não fazia
Nenhum esforço p'ra cuidar do amigo,
Aqui no Etéreo, eu passo p'ra poesia
Que o sentimento nunca é tão antigo
P'ra transformar-se em mera fantasia.
Quem pensa assim não sabe do perigo
De se enfrentar o tempo, inoperante,
Enquanto sofre mais o semelhante.

A hora é boa, sempre, para a ajuda:
Não deixes p'ra depois a caridade.
O panorama dessa vida muda,
P'ra acentuar apenas a saudade.
Se não tens meios de ajudar, estuda,
Sem negligência, que o saber invade
A tua mente, com gentis ideias,
Como abelhas em férvidas colmeias.

Se, de todo, estiveres impedido,
Sempre resta o consolo de uma prece.
Eu não conheço nada parecido
Que faça com que o etéreo mais se apresse,
Mas é preciso que se dê sentido
Ao pedido que o amigo favorece,
Rogando com amor, com esperança
De que essa intercessão logo se alcança.

Aí, o nosso amigo morre louco
E nós choramos lágrimas sentidas,
Bastante mais por nós, por ele um pouco,
Julgando nossas preces más, falidas.
Teria feito o Pai ouvido mouco
Ou são tão miseráveis nossas vidas
Que a dor há de forjar sempre o destino,
Contestando do evangelho o bom ensino?

Era essa a resposta que eu pedia
Ao mar, ao Sol, à praia, nessa hora.
Não desconfies de que eu bem sabia:
Sabia que no etéreo a lei vigora,
Porém, meu coração não resolvia
O drama do meu bando, quando chora,
Que o sentimento a gente não domina,
Mas busca a causa fútil e elimina.

O Sol me disse assim: — *Perseverança!*
A Praia me adiantou: — *Respeito e calma!*
O Mar assim falou: — *A Noite avança,*
Descolorindo o verde de minh'Alma,
Mas, de Manhã, as cores da Esperança
Hão de me cortejar com sua palma,
Que a Natureza sempre se renova,
Para mostrar que a Vida é só u'a prova!

Agradei ao Pai tanta beleza,
Dizendo a prece que melhor sabia.
Depois, lembrei-me desta santa mesa
E pus os pensamentos na poesia,
Sem graça, reconheço, que a surpresa
É ver como deu certo a melodia,
Nos metros em que dei ao bom leitor
Um pouco do que sinto... ao recompor...

8

NATIMORTOS

Um dia, voltarei p'ra nova vida,
Com base nas promessas do Senhor,
Porque, para crescer, essa é a saída,
Pois tudo já começa com amor,
E o trato que se faz mantém a lida,
Esteja a nossa causa em recompor
O que se fez de mal contra as pessoas
Ou simplesmente p'ra aprender, às boas.

Ali embutida existe certa ideia
De que o amor preside aos nascimentos.
Há de lembrar o amigo da odisséia
De alguns que vêm em grandes sofrimentos,
Porque, para ser filho de Medeia,
A vida tem início em desalentos.
Projetos há de lindas aventuras
Que alcançam logo simples sepulturas.

Diariamente, muitos natimortos
Vêm demonstrar que a vida é um perigo,
Mas, qual seria a causa dos abortos,
Fico a pensar, às vezes, cá comigo.
É como a tempestade junto aos portos,
Pois, no mar alto, é bem maior castigo.

Então, vou arriscar voltar de novo,
Mas confortado, se abalar o povo.

Ao ver, no mundo, tanta gente junta,
Os que não vingam querem simplesmente
Dar co'a resposta da maior pergunta,
Que é demonstrar que o encarne já não mente,
Porquanto o mal nem tisna nem besunta
A alma, quando ódio não mais sente,
Por compreender que o encarnar é lei,
Para quem quer mais ajudar a grei.

Assim, em tudo existe um tal concerto,
Já que tentar é válido na vida,
Mas, p'ra evitar sofrer tremendo aperto,
É bom vir co'a lição bem aprendida,
Pois não se aceita nesse galho enxerto,
Quando se tem a vida apeteçada:
O bom soldado aprende, na batalha,
Que perde a vida, se o comando falha.

Eu vou chorar, caso meu filho aborte:
É um sentimento nobre, nesse caso.
É que se espera a vida e vem a morte,
Nas vagas penumbrosas de um acaso.
Mas quem mantém a fé preserva a sorte:
É como o oleiro diante doutro vaso.
Lição antiga dessas Escrituras,
Que veem nos fados suas urdiduras.

Peço perdão, se estou triste e soturno.
É que investi na vida, sem sucesso.
Eu já falei do Sol, mesmo noturno,
A refletir na Lua, e meu regresso
Não tem brilho nenhum, já que me enfurno
Em vil lamentação, em que me impeço
De transmitir com força esta inquietude,
Que, flácida, me prende, como grude.

Mas dei o meu recado, pelo menos,
Que a tentativa é válida — já disse.
Se os resultados não são tão amenos,
Se tudo se repete na mesmice,
Estou a te esperar os bons acenos,
Porque ser campeão não é ser vice:
Se existe compreensão para os meus versos,
Será, talvez, por serem mui perversos.

É hora de rogar ao Pai a bênção,
Pois deu para o leitor espairecer.
As vibrações no etéreo se condensam,
Para que alguma rima dê prazer.
É hora em que os amigos já não pensam:
Apenas sentem forte o seu poder
De organizar a prece agradecida,
Tenha ou não sucesso a nova vida.

Senhor, fazei com que eu não tenha medo
De requerer de novo vir ao mundo.
Levai-me a perceber se é muito cedo,
Pois meu orgulho é tão voraz, profundo,
Que quero aqui cantar, com voz de aedo,
E só repito a rima em que me afundo.
Que a minha persistência vos agrade
E vos exalte o dom da caridade!

9

ARES DOUTORAIS

Eternamente é pouco, algumas vezes,
Nas promessas de um ser apaixonado,
Mas, ao cabo de uns quatro ou cinco meses,
Muito do que se disse está de lado,
Porque os prismas sérios, maus, soezes,
Não poderão jamais causar agrado:
Quem desconhece as próprias estruturas
Não poderá compor eternas juras.

É isso o que acontece a muita gente,
Ao conhecer os tópicos da lei,
Pois quer chegar ao fim, rapidamente,
Globalizando o amor de sua grei,
Pensando que o Universo se contente,
Apenas por dizer aos outros: — *Sei!* —,
Deixando o seu trabalho p'ra depois,
Enquanto quer viver a vida a dois.

Um dia, aqueles prismas se revelam
E o nosso irmão se vê também sozinho.
É que os valores d'alma só se selam,
Depois de percorrido um bom caminho.
Os compromissos da virtude zelam,
P'ra que jamais se diga: — *Eu adivinho!* —,

Que os componentes da melhor doutrina,
Só o trabalho com amor ensina.

O seu irmão deseja progredir
E tudo faz para alcançar o amor;
Conhece a meta do melhor porvir
E se contenta só com bem compor
Alguns versinhos, com o Wladimir,
Pobres versinhos, sem qualquer valor,
De si dá tudo quanto tem de bom,
Mesmo que seja um rude e simples som.

Não faz promessas de gentis empresas,
Apenas rima amor com formosura;
Não quer as artes nem sequer belezas,
Mas transmitir as leis sempre procura,
Para manter as chamas bem acesas
Da caridade, que com fé perdura,
Nalguns escritos tímidos de velho,
Pois segue à letra os mantras do evangelho.

Toda humildade é sempre a recompensa
De quem trabalha sem pensar em si;
Com muito amor, é só esperar que vença,
Pois não existem muitos por aí
Que não reclamem dessa obra extensa,
Que não querem dizer: — *Eu não vivi,*
Por ter feito o melhor ao meu irmão,
Enquanto eu rastejava pelo chão.

O sentimento é válido na vida,
Quando gera alegria e caridade.
Se é de rancor o trauma que convida
A se exercer a outrem só maldade,
Havemos de buscar uma saída,
Mesmo que a consequência não agrade:
É no evangelho que Jesus ensina
A não levar além a torpe sina.

Essa bondade aqui tem um limite,
Pois se respeita o arbítrio do encarnado.
Por isso, o nosso verso é só um convite,
Que não quer ser jamais de desagrado,
P'ra que, no bem, o irmão sempre medite,
Mesmo que deixe a trova ali, de lado,
Que o bom, p'ra quem se põe junto a esta mesa,
É dar ao seu leitor do amor certeza.

Cumpri minha promessa de modéstia
E fiz uns versos pobres p'ra chuchu,
Mas se extrair uns alhos desta réstia,
Acrescentando o odor de caruru,
Vai ter o amigo, no final da *béstia*,
Algum tempero para um bom angu,
Que a substância destes alimentos
Há de nutrir de amor os pensamentos.

Senhor, perdoa a rima inadequada
E faze que o amigo esteja bem,
Que sinta só um pouquinho, um quase nada,
De amor pelo poeta que hoje vem
Com ares doutorais em que se engrada
A tese da poesia, nota cem,
Porque, se fosse outro, com talento,
Deixava-se ir ao Céu, levado ao vento...

10

O DESAFIO DA LEITURA

Entrego-me, feliz, a este trabalho
E ponho a melhor verve em cada rima.
Não sei se mereci tal agasalho,
Mas sei que compor versos reanima.
Então, não vou dizer jamais: — *Eu falho* —,
Por receber de todos tanta estima.
Muito obrigado, irmãos, por seu afeto;
Gratíssimo, Senhor, que hoje poeta!

Não vou deixar passar esta ocasião
De demonstrar que estou mais responsável.
Eu sei que os bons amigos julgarão
A trova mui mesquinha, abominável,
Porém, meu sentimento não é vão
E o meu esforço é bem considerável,
A ponto de lembrar-lhes que Jesus
Exige que aceitemos nossa cruz.

P'ra cada sofrimento que se passa,
Existe recompensa de valor.
O que se considera uma desgraça
É vir ao mundo e a vida descompor,
Nos enleios da droga ou da cachaça,
Quando se quer que apenas haja amor.

Sob o domínio dos transtornos d'alma,
Ninguém virá do mundo com a palma.

Existe quem mantenha a fé desperta,
Enquanto faz o bem ao inimigo,
Trazendo o entendimento mais alerta,
Porque Jesus nos disse que há perigo
Em só deixar a nossa porta aberta
A quem demonstra ser fiel amigo:
Não há qualquer vantagem em ser bom
A quem nos acompanha nesse dom.

Por isso, vim pregar, com esperança
De ver o meu leitor incomodado.
Só adesão o verso não alcança,
Porque não sei fazê-lo com agrado,
Mas como o povo aí jamais descansa,
Sem uma só estrofe pôr de lado,
Proponho, desde logo, um desafio:
É levar a leitura ao fim, com brio.

Não sei se compreenderam a postura
De me fazer de vítima constante,
P'ra receber de cada criatura
Um voto, que o valor sempre garante,
Que é perdoar a pobre ditadura
De quem se põe do público diante,
Sem que se possa defender jamais
Da acusação de estar sem bens morais.

Devo, então, vir contar-lhes a historinha
De quem não quis ouvir um bom conselho,
Dizendo que o sermão é que aporrinha,
Que deveria ser simples espelho.
Quando a morte do tolo se avizinha,
Pensa em Deus e se põe num só joelho,
Querendo e não querendo confessar
Que ocupou muito mal o seu lugar.

Eu me confesso, sim, contrariado
De ser aquele a quem no mal pinteí,
Mas, nem por isso, aqui fico de lado,
Porque, p'ra caridade, existe lei.
Devo contar que um bem logo arrecado,
Quando demonstro ser fiel à grei
E ao trabalho socorrista isento
De preconceito, por estar atento.

Não pretendo burlar o bom leitor,
Dizendo que esta estrofe é só poesia.
Quem entende da arte de compor
Sabe que não se metrificaria
Um pensamento simples, sem valor,
Apenas como exemplo de harmonia.
Mas a felicidade, junto à mesa,
Me leva a realizar a tal proeza.

Agradeço ao Senhor esta leitura,
Que o leitor se propôs a ter mais brio.
Vai perdoar-me pela diabrura,
Mas saiba: pela ponte passa um rio
Cuja água serena, mansa e pura,
Está sujeita a um forte rodopio:
Quem não transforma a fé, com mais paciência,
Vai enlear-se em túrgida consciência.

11

ENSINOS DE KARDEC

Espíritos formosos vão depressa
Em busca das paragens mais distantes,
Mas, para ser honesto e bom à beça,
Muito hão que auxiliar aos semelhantes,
Sem esperar que o bom Jesus lhes peça
P'ra que *se mude no quartel d'Abrantes*,
Pois, se estivesse certo o proceder,
Ninguém viria aqui cobrar dever.

A linha mais gentil do pensamento
Permite que o leitor se reanime,
De modo que se torne mais atento
E que o melhor conselho logo estime,
Sem se lembrar de nos dizer: — *Aguento!* —,
Porque falar do bem é luz sublime,
Que inunda o coração de resplendor,
Na festa universal do Criador.

Um só defeito que nos reste n'alma
Há de impedir que o Reino venha a nós.
P'ra que se alcance a glória dessa palma,
Havemos de rogar de própria voz,
Que a luta contra o mal tão só se acalma
Estando os inimigos juntos, sós,
Sentindo que o destino é bem comum,

Que a dor afeta os dois e a paz, nenhum.

Não tenho compromissos co'a maldade,
Por isso peço ao bom leitor que fique.
Se uma palavra ao mal o persuade,
Se um só suspiro dá tal *tremelique*,
É bom pensar bastante em caridade,
P'ra que o trabalho a vida mais estique,
Sem precisão de dar com a cabeça,
P'ra que o rigor das leis se estabeleça.

Mas, se o convite feito bem lhe agrada
De examinar o tema com candura,
Venho propor-lhe que não sinta nada,
Que torne a pregação em água pura,
Para viver a fé raciocinada,
Pois n'alma o amor assim bem mais perdura,
Que é como Allan Kardec a nós ensina,
Seguindo, passo a passo, a sã Doutrina.

Falamos de Jesus um pouco acima,
Lembramos a Kardec, o professor,
Citamos a virtude mais opima:
A caridade feita com amor,
Quisemos do leitor a sua estima,
Sem medo de falhar ao se compor,
Sabendo que o Senhor nos dá a bênção
Com que estes corações os males vençam.

Aproximei-me muito da verdade;
Não quis, contudo, dar uma de bom.
A mim, me basta ver que alguém se agrade,
Sem se ocupar do exame deste som,
Porque sentir amor somente há-de
Quem reconheça noutro o mesmo dom:
O sofrimento não se compartilha,
Nem quando um simples verso ele estribilha.

Ao resgatar o tema para o verso,
Fazemos com que tudo se esclareça.
Aí, a rima faz-se com *perverso*,
Pois não se tem nenhuma na cabeça,
Conquanto a infinidade do Universo
A rogar ao Senhor nos favoreça:
É que a pobreza d'alma é manifesta,
Embora a trova esteja sempre em festa.

O regozijo do escrevente é claro,
Quando, veloz, atinge cada tecla,
Mas, ao pensar na rima, é que reparo
Que tenho de fazê-lo meu assecla,
Pois reconheço nele o melhor faro
Para fazer um bolo só de fécula:
Eu quis brincar e dei tremendo fora,
Sem me lembrar da lei que aqui vigora.

Peço perdão ao médium pelo erro.
Prometo que co'as *teclas* já não brinco:
Não quero presenciar o meu enterro
(O número lembrado chega a cinco),
E o mal que cometi não faço a perro,
Que esta parede não suporta trinco.
Assim minha poesia se desfaz,
Escombros de esperança, fé e paz.

CONSELHOS DO ANDAR DE CIMA

Respeito a condição do meu leitor,
Que rouba do seu tempo para mim.
Não posso, pois, apenas descompor,
Querendo ver o lado mais ruim,
Mas devo consolar quem sente a dor
De perceber que as coisas têm um fim,
Mostrando que, no etéreo, existe vida
Tanto melhor p'ra quem cumpriu a lida.

Se esta palavra não causar conforto,
Dês que duvida o amigo da verdade:
— *Por que pensar na vida estando morto,
Se é outra, lá no etéreo, a realidade?*
Aí, irei sofrer com esse aborto,
Que a prova se dará sem que se agrade:
Um dia, o corpo irá p'ro cemitério
E a alma voltará, sem refrigério.

É bom ouvir a voz do outro mundo,
Embora se duvide dos conceitos.
Há sempre quem revide: — *Eu não confundo,
Entre os chamados, quais serão eleitos.
Ao se hesitar apenas um segundo,
Os mais-ou-menos não serão aceitos.
Assim, vou duvidar de qualquer verso*

Que queira, na Doutrina, ver-me imerso!...

Essa postura deve ser revista,
Pois o poeta sofre a cada rima,
Porque esta guerra é guerra de conquista,
Por não se ter razão, sem ter estima.
Não há de se estranhar que a gente insista
Na tese de que a morte reanima
O anseio de existir, em plena forma,
Segundo os bons padrões da eterna norma.

— *E quais são os exemplos que nos dão
Os que tartamudeiam nestes versos?*
São poucos, na verdade: a *devoção*
Pelos irmãos insanos e dispersos,
Que têm também o afeto mais loução
Dos que pairam no Além, em luz imersos,
Pois todos são de Deus filhos diletos,
Não havendo, entre todos, prediletos.

Mas devemos lembrar-nos de Jesus,
Que nos disse p'ra amar-nos mutuamente.
É certo que o pusemos numa cruz,
Mas esse não foi crime permanente.
Perdão é uma palavra que reduz
A nada a acusação que mais se sente.
A eternidade abre-se de todo:
Ninguém há de ficar preso no lodo.

Eis a fé, a esperança e a caridade
Resumidas em verso bem tacanho.
Tomara que o leitor dele se agrade,
Porque não lhe sei dar outro tamanho.
Só posso inocular nele saudade,
Pois na Terra vaguei, tempos de antanho,
Co'as mesmas dubiedades de caráter,
Sem ver, na lei do amor, *celula mater*.

Também senti a força da matéria,
A me arrastar nas sombras dos tais vícios,
Tanto curti a riqueza e a vil miséria,
Vindo a cair, depois, nos precipícios,
Pois a maldade aqui é coisa séria
E o bem exige duros sacrifícios.
É como os versos que se põem na linha:
O último me alegra; o outro espinha.

Estou aqui agora, e sofro um pouco
(Reminiscências tristes que despertam),
Ao demonstrar que, um dia, já fui louco,
Pois os que querem tudo não acertam,
Necessitando ter ouvido mouco
Para as palavras boas que se ofertam:
Atendimento dou, em pobre rima,
Esp'rança de que amor o mal sublima.

Mas tenho bem sabida na cabeça
A melhor das lições que posso dar:
Espero que o leitor jamais esqueça
Que todos vão compor, neste lugar,
Um verso arrependido que ofereça
A clara ideia de que está num lar
Regido pelo Pai, eterno amor,
Cuidado pela turma ao seu dispor.

13

O BEM QUE NÃO MACHUCA

Intriga-se o escrevente com a rima
Que deixa a trova toda um tanto esqualida,
Mas aceita tornar melhor o clima,
Que a tragédia conserva a cor bem pálida,
Ao alegrar o tema que sublima,
Fazendo da poesia peça válida,
Pedindo, com amor, para Jesus,
Que traga paz, verdade, força e luz.

Vetusta lei impede que se diga
O nome do Senhor a toda a hora.
O força-e-luz não há de causar briga,
Se se entender que amor aqui vigora,
Que o nome de Jesus ainda intriga
Junto de Deus, que é pai, a quem se adora.
Mas o respeito sempre prevalece,
Ao se rezar, contrito, a melhor prece.

A brincadeira tem os seus limites:
Tu deves bem saber quais eles sejam.
Para a fuzarca, se te dão convites,
Hás de querer que os bons jamais te vejam.
Mas, cá no etéreo, mesmo que te irrites,
As notícias do mal sempre sobejam,
De modo que o que fazes escondido

Se coloca na tela, com sentido.

— *Pretendem-me deixar impressionado,
Com essa ideia de que tudo sabem.
E se estiver na mente o mal fechado?...*
Aí são outros temas que te cabem,
Porque não se acredita ser de agrado
Que o mal os sonhos faça que desabem,
Já que a ninguém é dado perverter
O que se tem na lei como dever.

A quem aspira a glória na matéria
(São tantos que não sei fazer a conta),
As restrições da lei são coisa séria
E o dedo em riste a quem relembra aponta,
Considerando a trova pobre léria
De uma cabeça perturbada, tonta,
Dizendo que é o escrevente quem inventa,
Que é como sua vida se sustenta.

O bom amigo tem graves motivos
Para desrespeitar a nossa trova:
É que os poetas mortos criativos
Não transferem do Além nenhuma prova
De que aqui continuam muito vivos,
E o que vem versejar tão só desova
Uma poesia reles, mui chinfrim,
A que qualquer daria melhor fim.

Porém, o meu lamento se compensa
Por uma aceitação selecionada.
Não quer dizer que a gente sempre vença,
Pois agradar o bom não vale nada.
O certo é estimular que a nossa crença
Faça o mau refletir: — *Isso me agrada!*
Vou ver se existe aí qualquer verdade...
E um toque deste amor o persuade.

São tantos os mistérios dessa mente
Que os argumentos ficam dispersivos.
O único que lembro suficiente,
Para cobrir os seres todos vivos,
É confirmar a morte plenamente,
Sem recompensas para os que, cativos,
Deixaram seus irmãos a ver navios,
Apenas p'ra vencerem desafios.

Pois humildade é bem que não machuca:
É das virtudes a melhor formada.
Quando a vaidade oprime, funde a cuca
Daquele que não quer perder um nada.
A alma do egoísta vem maluca,
Pois elogios aqui não arrecada,
Que o nosso orgulho é simples expressão
Do amor que nos sustenta o coração.

Não arrelie, pois, nosso escrevente,
Que tudo faz à sua revelia
E que nos diz à mesa só: — *Presente!* —,
P'ra nós a mais suave melodia,
Porque como escrever o que se sente,
Se esse encarnado apenas desconfia?
Vamos rogar ao Pai a doce bênção
Aos que, nesta Doutrina, agora pensam.

OS PRISMAS MATERIAIS

Ao debandar da Terra para o espaço,
Cuidado com os prismas materiais!
Como pensar em Deus, em seu regaço,
Se os temas na cabeça são banais?
Evita de dizer: — *Sem pão não passo!* —,
Na solução das dores eternas,
Pois todo bem exige sacrifícios,
Quando se quer fugir dos rudes vícios.

Eu deblatero, inútil, nestes versos,
Pois sei que esta leitura é complicada,
Tanto que os pensamentos são perversos,
Enquanto a trova toda não agrada.
Mas vamos, nos intentos, bem imersos,
Pois é melhor dar pouco que dar nada,
Os colegas e eu esperançosos
De, no final, sentirmos doces gozos.

Eis que este exemplo fica do trabalho
Que se pretende dar ao companheiro.
Às vezes, é duríssimo este *malho*,
Pois cá se fica preso o dia inteiro,
Para, no fim, dizer-se: — *Como é falho*
O som da rima fútil que requeiro!...
Mas resta, no sorriso, uma esperança,

Pois, a fazer o bem, ninguém se cansa.

Um dia de trabalho, aí na Terra,
Difere deste tempo, cá do etéreo.
Co'a morte todo o ciclo lá se encerra;
A vida aqui não tem o tal mistério.
Então, o sentimento lá se aferra
A demorar a ir ao cemitério,
Aproveitando o tempo com prazeres,
Deixando até de lado os bons deveres.

Aqui, se reconhece o compromisso
Da ajuda que se deve mutuamente.
Ali, quando se presta algum serviço,
Existe uma cobrança, que se sente
Como a requisição de maior viço
Da parte do Senhor, que está presente,
Para que tudo testemunhe certo,
Mantendo o coração, ao *gajo*, aberto.

Vamos tornar a luta obrigação
De quem não tem perfeita a alma ainda.
Um dia, as portas todas se abrirão,
Mas, por enquanto, a rota sabe infinda,
Para que não te esqueças como é vão
Pensar que tens a vida muito linda,
Enquanto o semelhante sua e sofre,
A fim de que abarotes o teu cofre.

Eu sei que não costumas acusar
Os que trazem desgraças em geral,
Pois queres resguardar o próprio lar,
Porquanto te aproveitas do social
E temes que, ao perderes o lugar,
Os teus hão de sofrer na vida o mal
De conhecer a luta contra a dor,
Posto exista o evangelho ao teu dispor.

Mas é preciso que não queiras tanto
Usufruir apenas nessa vida.
A dor existe, como por encanto,
Para mostrar a todos essa lida
Que queres encobrir com falso manto,
Já que ao prazer a pele te convida.
Existem os que morrem pelo mundo,
Sem conhecer amor, um só segundo.

Estando muito séria a minha trova
E sendo eu descrente desta rima,
É tese, que um só verso meu comprova,
Que não espero muito deste clima,
Pois, ao abrir a minha própria cova,
Eu jogo nela o resto desta estima
Que deveria dar aos que comigo
Velejam nestes mares, sem perigo.

Mas recomendo, enfim, que seja sério
O pensamento de fazer o bem.
Não só no mundo é bom ter refrigério,
Aqui no etéreo o gozo é bom também,
Mas há que resolver-se o tal mistério
De que quem tem aí cá fica sem,
Quando não dá a outrem condição
De ter o mesmo que se tem à mão.

Vou encerrar o dia sem gracejo,
Para dizer ao povo que não brinco,
Porque é tanta a tristeza que hoje eu vejo
Passar pelos buracos desse zinco.
Conquanto lance estrelas de sobejo,
A porta está fechada e esse trinco
Não se consegue abrir com um sorriso,
Mas com trabalho forte e com juízo.

Senhor, empresta a força de Jesus,
Em seu discurso presto e decidido;

Faze que o verso tenha alguma luz,
Que o meu trabalho não se dê perdido;
Que a mesma ideia que ao melhor seduz
Leve a dizer: — *Estou arrependido* —,
A quem mangou da vida cá no etéreo,
Julgando que o poeta não é sério.

Eu devo agradecer ao escrevente
O fato de voltar nestoutro dia,
Pois ontem, por estar muito doente,
Não pôde arrebanhar minha poesia.
Espero que co'a rima se contente
E volte, ainda hoje, co'alegria,
A oferecer a mente para o verso,
Sem ânsias de abraçar todo o Universo.

Por mim, eu ficaria o tempo todo,
Mas temo estar mui próxima do fim
A inspiração, que se ergue lá do lodo
E que nem sempre faz verso ruim,
Que há lírios de beleza sem engodo,
Quando se imita a voz de um querubim,
E isso não é peta do poeta,
Na hora em que o poema se completa.

15

MODÉSTIA EM VERSOS

Não corre o risco de perder a fama
Quem nunca teve fama p'ra perder.
Eis que um verso mais simples bem proclama,
Na hora certa de cumprir dever,
Pois, se Jesus a toda a gente ama,
Também confirma desse amor poder,
Dizendo que o maior dos mandamentos
É dar amor ao Pai, sem mais tormentos.

E como diz Jesus coisa tão santa:
Ao escrever um texto de poesia?
Um tal pensar a mim muito me encanta,
Mas esse mandamento não diria
Em verso, que o leitor amigo espanta,
Mas, firme, disse a todos, cada dia,
A ponto de o ***Evangelho*** repetir,
Para que saibam todos no porvir.

Eu mesmo me esqueci, durante a vida,
De dar valor a ensino tão sublime
E trouxe, para o etéreo, arrependida
A alma, envolta em tão horrendo crime,
Querendo demonstrar, por esta lida,
Que amor supera o mal e nos redime,

Dês que o trabalho pelo nosso irmão
Faça crescer o bem no coração.

E quanto às rimas, a quem devo tudo?
Aos companheiros destas oficinas.
Quando cheguei aqui, muito papudo,
Queria fazer artes, sem doutrinas.
Fizeram-me entender estar sanhudo,
Julgando descontar as feias sinas,
Para dizer que é linda esta minh'alma,
Pois era de rigor levar a palma...

Um dia, eu compreendi tanto egoísmo,
Esperto p'ras grossuras da intenção,
Recuperado a tempo desse abismo,
Por ler alguns versinhos de um irmão
Que só pensava em si, sem altruísmo,
Deixando que eu pusesse o meu refrão.
Caí nessa armadilha direitinho,
Perturbação de amor e de carinho.

Depois que concluí a falsa rima,
Fizeram com que lesse a estrofe inteira.
Achei que conseguira grande estima
Na trova que, hoje sei, só tem asneira.
O mestre reuniu a turma acima
E me pediu p'ra ler: — *O quanto queira,*
Que ouviremos os versos sempre assim,
Música divinal de serafim...

Cheguei a repetir por várias vezes,
Enaltecendo os versos lá do fim,
Até que achei os outros mui soezes,
Comparando os compostos só por mim.
Senti eflúvios tristes, vis, burgueses,
De quem a seu irmão só deu capim.
Parei de declamar, envolto em pranto,
Querendo desfazer o nobre encanto.

A turma me acudiu com bela prece,
Agradecendo ao Pai a rejeição
Dos versos em que o *ego* se engrandece,
Pensando ter nas mãos a perfeição,
Enquanto aos outros nada se oferece,
Para iniciar no bem a reação.
Que se repita em **-ão** a pobre rima,
Se for p'ra que o irmão o mal reprima.

Modestamente, a prosa se oferece
Em temas sem grandezas de atitude,
Mas a poesia um dom sempre carece:
O de provar, no verso, tal virtude
Que faça que o leitor logo se apresse
A refletir no mal que mais ilude,
Eliminando d'alma o que lhe induz
A pôr na estrada o peso desta cruz.

Se eu conseguisse dar um verso honesto,
Para que o meu leitor ponha estribilho,
Precisaria ser muito modesto,
Deixando para ele o nobre brilho,
Mas, quando estou aqui, eu desembesto,
A ponderar que o *ego* é o empecilho,
E faço este refrão sem graça e perro,
Com medo de que a rima tenha erro.

Vou encerrar o dia, alegremente,
Que o verso tem modéstia como tema.
Assim, posso pensar que a minha mente
Já resolveu o velho e mau problema,
Porque tanto temor já não mais sente
De aqui se expor com péssimo poema,
Que o resultado não está na rima,
Mas no bom coração que inda me estima.

Eu saio agradecido, usando a trena

Com que calculo os metros do meu verso;
E vou deixando, pois, a doce cena,
Para que um outro venha, incontroverso,
Mostrar as trovas de dourada pena,
Em luzes evangélicas imerso,
Orando que o amigo colha os frutos
Dos temas dos amores incorrutos.

16

VAMOS SEGUIR JESUS

*Jesus diria que não tem razão
Quem age sem domínio da paixão.
Jesus diria que não têm valor
Os atos que não causam mais amor.
Jesus diria que não vale nada
Chegar sozinho ao fim desta jornada.*

Eu vou cuidar de pôr o meu recado
De forma simples, sem causar espanto.
A rima é rica, sempre que é de agrado,
Mesmo que esteja em tudo quanto é canto.
O verso é nobre, quando põe de lado
Todo egoísmo, p'ra não dar em pranto.
Se existe amor, o resto não importa,
Pois a poesia nunca é letra-morta.

Todo entrevero que nos lembra a luta
Da eternidade contra o mal e a dor
Deve suster, na mente, a força bruta,
Que é como toda a gente quer se impor:
Por muito antiga, nunca é absoluta,
Como é eterna a paz que vem do amor.
Vamos seguir Jesus, durante a vida,
Agradecendo ao Pai a rude lida.

Supus que o verso iria desgastar-me,
Mas o trabalho é muito divertido.
Por vezes, o final me causa alarme,
Mas, ao rimar, eu dou por resolvido
Esse problema sério do desarme
Do medo, que me trouxe combalido.
Tudo na vida tem resolução,
Se soubermos obrar, sem dizer *não*.

Eu quero provocar meu escrevente,
Que tem um lindo aquário e muito peixe.
Procura uma desculpa para a gente:
— *É para que o netinho não se queixe*
De que lhe seja o avô indiferente.
Aí lhe vou pedir que sempre deixe
Um tempo livre para a pobre turma,
Antes que a noite chegue e ele durma.

Seria injusto dar que se publique
A oitava acima, fruto de impiedade.
É brincadeira pura, um simples clique,
Para lembrar de nós com mais saudade,
Saudade como tem daquele Dick,
Nostálgica lembrança que lhe há-de
Fazer com que perdoe este arremesso,
Pois há recordações que não têm preço.

Agora, se perturba, porque digo
Algo a respeito dele, com ternura.
Pressente, neste verso, um tal perigo
Que lhe possa abalar esta estrutura,
Pois deve concordar sempre comigo,
Por mais que seja má a rima e dura:
Futuramente, irá sorrir com gosto,
Ao ter-nos ao seu lado, neste posto.

Como seria a vida do leitor,
Caso escrevesse um verso neste estilo?

Permitiria a rima se dispor,
Como do médium disse tudo aquilo?
Ou referência simples quanto for
Iria lhe causar o maior grilo?
Medita sobre tudo, sem *paùra*,
E veja o que extrair de forma pura.

Um gesto agradecido já me basta,
Para um trabalho muito divertido.
A obra de um poeta há de ser vasta,
Caso o leitor lhe dê algum ouvido.
Talvez se ofenda a alma pura e casta,
Porque não tenho trelas, mas duvido
Que não se entenda a lei, nesta versão,
Do amor, que brota fértil e loução.

É com respeito que lhe dou meu braço,
Para seguirmos juntos com Jesus,
A desbravar a Terra e este espaço,
Em busca de sugarmos toda a luz,
Sem estugarmos muito nosso passo,
Que a caminhada empolga e mais seduz,
Quando sentimos, n' alma, que se avança,
Levando a toda a gente uma esperança.

Quero encerrar, em prece agradecida,
Esta jornada lépida de amor.
Nem toda rima foi bem resolvida,
Nem toda ideia demonstrou valor,
Mas, se mostrei razão para essa lida
E se evitei que um mal causasse dor,
Salvai, Senhor, o povo que me escuta
E atenuai o esforço nesta luta.

17

É PRECISO ENTENDER

Eu ponho confiança nesta pena,
Que amor muito estimula para a rima.
Talvez não saia fácil nem amena,
Pois não se espera faça uma obra-prima,
Mas a verdade é que este bem acena
E minh'alma se alegra e reanima,
Seguindo nas pegadas de Jesus,
Que é quem mais nos conforta e nos seduz.

O entendimento desta *diversão*
Não fica fácil para quem mais sofre.
Os que versejam logo saberão
O manancial que trago no meu cofre.
Aí, hão de dizer: — *Vida de cão,*
Amargurar-se assim — por Santo Onofre! —,
E ainda rir de tudo, sem malícia,
Julgando superior essa delícia.

Esse é o destino de quem vem ao mundo,
Pois, cá na Terra, o gozo é de rigor:
Está na pele e mais lá bem no fundo,
Pois cabe à mente a sorte aqui compor.
Mas quem pensar na vida, um só segundo,
Vai ver que existe mais, seja onde for
Que der sequência a tudo o que hoje faça,
Como é sequência a vida que ora passa.

Discernimento, irmão, é o que requer

A trova que lhe passo nesta hora.
Se tudo o que lhe vem vem de colher,
É para que prossiga, sem demora,
A dar aos outros tudo o que puder,
Por lei universal que aqui vigora,
Que o sofrimento esconde a melhor rima,
Segundo este padrão que reanima.

Se eu preveni, é certo, para o crime,
Também devo mostrar uma saída,
Que existe sempre algo que redime
Quem não tiver ligado para a vida,
Mas não se espere ser muito sublime
A aceitação da alma arrependida:
O etéreo só faz festa para o velho
Que leu, cumpriu e amou seu *Evangelho*.

Aqui chegando, com seu rabo preso,
Pela malícia que empregou na Terra,
O gajo tem de despertar o vezo,
Para aplicar na ideia em que mais erra,
Porque seu protetor mantém aceso
Claro farol que a escuridão descerra,
Sabendo ler nas páginas da mente
E interpretar o coração da gente.

Não te parece certo o que te digo,
Sem compromisso algum da minha parte?
Que tal seguir um pouco mais comigo,
Sem te lembrares de acusar a arte,
Correndo, embora, o risco do castigo
Desta atitude de quem quer provar-te
Que faço versos só para dizer
Como sou lúcido no meu dever?

Caso te atires, denodado, à obra,
Não penses nunca em abafar as dores.
Alguma vez, este trabalho dobra

E não promete mais que dissabores,
Mas tudo aquilo que o dever nos cobra
Irá pagar, um dia, com amores.
Até Jesus se viu posto de lado,
Porém, no etéreo, foi glorificado.

Não perca tempo p'ra fazer o bem,
Mesmo que seja apenas de intenção,
Pois, muitas vezes, nada a gente tem,
E, nesse caso, basta uma oração,
Pois, lá no inferno, não está ninguém
A preencher a triste condição,
Quando se segue de Kardec o ensino
E, com amor, se entoa ao Pai um hino.

Não te aborreças, se estiveres mal:
A consciência, um dia, se desperta.
Esta é uma lei de cunho universal:
Quem é perfeito é que sempre acerta,
Sem exigir de um trôpego mortal
Uma outra coisa que uma mente aberta,
P'ra perceber do Pai o amor eterno,
Enquanto luta p'ra escapar do inferno.

O TEMPERO DO VERSO

Não posso dar total satisfação,
Nesta passagem pela tua vista.
Também não posso dar um simples *não*,
Pois simpatia a guerra não conquista.
Numa amizade boa, sem sermão,
Toda alegria há de ser benquista.
Vou temperar o verso com amor,
Caso dê conta d'arte de compor.

Sempre imagino qual será o tema
De preferência de meu caro irmão.
Talvez prefiras ler outro poema,
Que tudo diga, sem hesitação,
Pois agitar aqui o teu problema
Vai desfazer a nossa reunião:
Se me intrometo muito em tua vida,
Terás razão em procurar saída.

Quando requeiro força para o verso,
A turma toda se reúne e fala:
— *Este está bom, de modo incontroverso!*
Se a rima é pobre, há de exercitá-la!
Este está mau, do modo mais perverso!
Caso repitas muito a mesma fala,
Espantarás o amigo que te leia,

Que fugirá da trova: — Coisa feia!

Eu digo para o mestre que este intento
Pode causar angústia no leitor.
Por muito queira eu, jamais invento
Alguma imagem nova e de valor
Que possa dar à trova movimento,
Sem revelar a arte de compor.
Aí, ao fim da estrofe, a coisa feia
Demonstra que o poeta titubeia.

Meus sentimentos são muito terrenos —,
Podem pensar os que me leem agora.
É que procuro os temas mais amenos,
Para mostrar que a lei que aqui vigora
Pode tornar o mais, um simples menos,
Aliviando as dores de quem chora.
Embora eu crie um galo em minha testa,
Vou de cabeça, em busca dessa festa.

Pareço ver alguém já deplorando
Não dar melhor destino a esta trova.
Caso estivesse aqui, no meu comando,
Teria de mostrar como renova
A rima, o verso, o metro, tudo em bando,
Que a mente deve ser fértil e nova,
Para causar o endosso do leitor,
Que julgará do tema p'ra compor.

Preocupei-me, assim, com tal assunto,
A ponto de fazer muito rascunho.
Chamei um bom amigo p'ra estar junto
(É que eu queria um nobre testemunho)
E disse para ver que eu não assunto,
Sem pensar na rima que eu rascunho:
Obsessão, angústia, sofrimento
E toda forma inútil de tormento.

Aí, um pé-de-vento leva tudo
E eu aqui, pamonha, a ver navios.
Embora pobre o verso, eu não me iludo,
Pois tenho de enfrentar os desafios,
Que não são dos leitores, sobretudo,
Mas da consciência, que se põe em brios,
Pois menosprezo que não foi o meu,
Posto no verso, o mal não resolveu

Eu vou levando, assim, a melhor rima
Que aqui possa empregar, por este dom.
Já chega de chorar este mau clima.
Seja qual for a sorte deste som,
Eu vou buscar aquele que me estima,
Mesmo sabendo que não seja bom.
Quem sabe, juntos, pondo força aos remos,
Os corações e as mentes melhoraremos.

Precisas perdoar-me, bom leitor,
Que a irreverência é triste, bem que eu sei.
Também eu não consigo aqui dispor
Os tópicos preciosos desta lei.
Então, eu vou pedir ao benfeitor
Que reze a melhor prece pela grei,
Rogando a Jesus Cristo me ilumine,
Para fazer um verso que ele assine.

MEU BEM-QUERER

As rimas que eu componho não são boas:
Repetem, quase sempre, os mesmos sons.
Quisera traduzir, em lindas loas,
Os sentimentos, que esses são mais sãos,
Mas tenho medo que esta corda roas,
Legítimo desejo de que os dons
Te tragam mais virtudes que desgraças,
Pois chega de sofrer por onde passas!

Como estribilho para um pobre verso,
Até que a oitava deu para encarar,
Mas, mais que aquilo, já não sei se verso,
Mesmo que ande, aqui, bem devagar.
O que eu não quero mais é ver disperso
O sentimento para estimular
Que o caro amigo leia, com prazer,
Compenetrado de que é p'ra valer.

Eu fujo um pouco do rigor do metro
E causo espanto, quando chego ao fim.
Um dia, o rei perdeu seu rico cetro
E quem achou lhe disse bem assim:
— *Este bastão comove — vade retro!*
Quanto darás por ele para mim?

— *Bobo serás, na corte. Eu te consagro.
Levarás guizo e rabo, como onagro!*

Sou eu o bobo, sem tirar nem pôr,
Porque aqui venho pôr a orelha em pé.
— *É um desperdício!* — diz o meu leitor.
Mas continuo, pois não falta fé.
— *Não há razão plausível, impostor!* —,
Ao ver que, às vezes, vou de marcha à ré.
Mas, se disser, com graça, um simples chiste,
Verei que o companheiro não resiste.

Sagrado é o compromisso da poesia,
Imensa honra que se dá no etéreo.
Mediunidade traz muita alegria,
Quando o encarnado mais trabalha sério.
Juntando tudo aqui, alguém diria
Que eu vim gozar, em doce refrigério?
Naturalmente, eu devo esclarecer
Que o verso assume o dom do bem-querer.

Mas a bondade é toda do mentor,
Que me oferece a pena do colega
E pede para um verso bom compor,
Para mostrar quem sou — é o que ele alega —.
Por isso vim, com riso promissor,
Embora a rima esteja muito cega,
Para o cortado de uma estrofe tola:
— *Pois mais me agrada o choro da cebola!...*

Não quero dar a ideia do improviso,
Pois a lição eu trago bem sabida,
Mas esta oitava, sem qualquer juízo,
Não mostra bem minha tremenda lida,
Por isso digo agora: — *Eu aviso
Que a versejar o Mestre nos convida* —,
O que deve levar à conclusão
De que todos, um dia, comporão.

Eu não sabia disso, aí na Terra,
E vim para este lado sem preparo.
Agora, esta comédia um bem encerra,
O de deixar o tema muito claro:
Quem mais no mal se agarra ou se aferra
Não pode vir dizer: — *Hoje declaro*
Que tenho meios de entoar as loas,
Porquanto as minhas trovas tu perdoas...

O treinamento é bom, quando viceja
O amor, como virtude peregrina.
P'ro paladar, o gosto da cereja
Disfarça o amargo desta vitamina.
Assim, um bom sorriso, só, que seja,
Dado a Kardec, em troca da Doutrina,
Vai propiciar a cada um de nós
O esquecimento deste verso atroz.

— *Graças a Deus!* — bondoso, diz o médium,
Quando o martírio está chegando ao fim.
É que ao sofrer, constante, o nosso assédio,
Perde a noção se é bom ou se é ruim
O sentimento que se expressa em tédio,
Para quem se oferece inteiro a mim,
Mas sabe que Jesus protege a gente
Que traz p'ro irmão um verso tão contente.

AMIZADE ENTRE OS PLANOS

Quem não tem compromisso com a vida
E resiste ao chamado do futuro
Não aprende a lição que é requerida,
Não traz de volta o coração mais puro,
Depois lamenta que perdeu a vida,
Mas há de reencarnar, então, eu juro,
Com muito mais trabalho pela frente,
Porque a luta lhe foi indiferente.

Alegra-te se alguém te cause dor,
Que a chave do mistério está em ti.
Estejas magoado o quanto for,
Não há de castigar, estando aqui,
Lidando para um verso bom compor,
Dizendo ao companheiro: — *Eu mui senti*
Que tu não tenhas tido o meu afeto,
Pois ao cruzar por ti, eu segui reto...

Um dia após o outro nos ensina
Que a vida continua deste lado.
Aí, faz muita falta a sã doutrina,
O que nos deixará mui preocupado,
Querendo reaver a serpentina
Que jogamos na vida, de bom grado,
Nas festas em que teve mais valor

A hora do prazer e não da dor.

Pretendo não ser *chato* na escansão:
O tema que me coube é que é perverso.
Como fazer sentir ao caro irmão
Que o progresso na vida é incontroverso,
Se sempre disser *sim* e nunca *não*
A quem lhe pede amor, num simples verso?!...
Assim é que Jesus nos ilumina
E explica o bom Kardec, na doutrina.

Atinge o teu limite, nesta esfera,
Fazendo, com amor, a obrigação.
Jesus, lá no mais alto, nos espera.
Sabendo os nossos méritos quais são.
Se a ti esta virtude é só quimera,
Delírios de uma noite de verão,
Resmungas mas não deixes p'ra depois,
Que é bem pior sofrer, no abismo, a dois.

Quisera espaiar só um pouquinho
Do triste relembrar das coisas feias.
Eu sei que este meu verso é vil, mesquinho,
Pois venho revelar falhas alheias.
Enquanto tenho n'alma rude espinho,
Acuso, quando tu nem titubeias.
Assim me compenetro da verdade,
Embora deste verso eu não me agrade.

Eu sei que vais mostrar quão imperfeito
É este que te traz tanta incerteza.
O que posso dizer senão que aceito
O que tento passar junto a esta mesa?!
O que vale p'ra mim pode dar jeito
Nos males que a consciência da esperteza
Revela ao meu irmão, na pobre rima.
Assim meu coração se reanima.

Serviço aqui prestado rende juro:
Amor com mais amor sempre se paga.
Eu vou sair da mesa bem seguro
De ter posto remédio nessa chaga,
Ainda que resmungues: — *Mal te aturo,*
Porque me vens curar, lançando praga.
É que meu compromisso cumpro à risca:
Aqui também petisca quem arrisca.

Mas, para cá chegar, passei apuros,
Que os sofrimentos causam desacertos.
Se os versos não se mostram muito puros,
É que me atrapalhei em tais apertos.
Um bom repórter vive pelos *furos*;
Esta poesia teve alguns enxertos.
Se a tua vida resultar em nada,
Os teus limões não deram limonada.

Tentei, em vão, deixar algo engraçado,
P'ra desfazer toda a impressão da dor.
Jamais pensei aqui tornar-me grado:
Simplicidade é norma do compor.
Mas não te ponhas nunca ali de lado:
Faze por mim um verso de louvor
À criação deste Universo lindo,
Agradecendo o amor de Deus infindo.

Meu escrevente pede mais um verso,
Daqueles do repente e do improvisado.
Dou tento de fazer e desconverso,
Mas ele está imerso em paraíso
De rimas e compassos, com que terço
As armas com que firo, a meu juízo,
O tema da amizade entre dois planos,
Pois nós somos espíritos *humanos*.

Errar um verso só já não me importa:
A estrofe é que não quero ver perdida.

O rompimento dessa veia aorta
Faz esvair do gajo a cara vida.
A rima, como uma galinha morta,
Há de mostrar ao povo a tal medida.
Ó Deus, o tempo inútil bem comprova
Que mereço sofrer tamanha sova.

CONVITE IRRECUSÁVEL

Um simples bocejar demonstra o tédio
Que causa, no leitor, a minha rima.
Procuro, em vão, saber qual o remédio
Para trazer a mim a sua estima,
Mas tudo só resulta em triste assédio,
Porque não sei sanar do mal o clima,
Criando para mim tal confiança
Em que o amor do Pai também me alcança.

Um simples entrevero co'a matéria
Me põe todo ouriçado e o Sol não brilha.
Quisera possuir um'alma séria,
P'ra colocar no verso a maravilha
De ensinar através de uma pilhéria,
Bem certo de que amor é que estribilha
O entendimento lúcido da lei,
Na alegre reunião de toda a grei.

Contento-me, porém, com a esperança
De ver minha palavra divulgada,
Pois sei que o bom leitor jamais se cansa,
Porquanto esta humildade mui agrada
A quem mantém, na alma, uma criança,
Que, para ser feliz, não pede nada,
Apenas atenção e algum carinho

De quem vem indicar-lhe o bom caminho.

Nostálgica atitude de quem sabe
Que a força da lição está no amor.
Uma palavra sábia também cabe.
Desde que o bom amigo dê valor.
Ainda há de esperar que não se gabe
Do verso mais perfeito o seu autor:
Equilíbrio é a chave do mistério,
Para que o verso alcance refrigério.

Não basta só pensar o tempo todo;
Precisa vir fazer alguma trova:
O pensamento pode ter engodo;
O verso há de servir sempre de prova,
Embora não se queira venha a rodo,
Que a imperfeição há de cavar a cova
De quem só quer passar por bom poeta,
Que a doutrina há de ser a mais correta.

Falei de forma clara e sem rebuços,
Pois gosto de pingar todos os *is*.
Não quero ouvir nem produzir soluços:
Os sentimentos bons são varonis.
Estes meus versos não se fazem chuços,
P'ra que à memória os males peçam bis.
Vamos pensar na vida com coragem,
Para enfrentarmos, fortes, a viagem.

Algumas vezes temos uns fracassos,
Pois não podemos ser sempre perfeitos,
Mas vamos mais torná-los bem escassos,
Senão jamais iremos ser eleitos.
Por isso é que é importante que estes passos
Se meçam nas medidas dos conceitos
Que esclareceu Kardec, em sua obra,
Virtudes que no espaço o Mestre cobra.

Quando Jesus passou por este mundo,
Não tinha esta poesia p'ra ajudar.
O povo não sabia que, no fundo,
Devia compreender mui devagar,
Querendo a salvação, sempre iracundo,
Dizendo-se cansado de esperar.
Agora, está perdida essa memória
E a mente humana conta uma outra história.

Eis que a matéria assume totalmente
O coração de quase todo o povo.
Talvez para o leitor minta esta gente,
Que se engrandece ao descompor de novo
Aquele que se mostra inteligente,
Pois nasceu, na ciência, um bom renovo
Que permite ao etéreo vir compor
Diretamente no computador.

As pontas do mistério aí se unem,
Fazendo-nos mais gratos ao Senhor.
Eu sei que há mortais que se premunem
Contra o noviciado deste autor.
É que as abelhas, quando voam, zunem,
Como aos poetas cabe vir compor.
Se a matéria nos dá apoio e viço,
Lembremo-nos do etéreo o compromisso.

Estou muito contente co'a poesia:
Penso ter resgatado a minha ideia
De que o bom leitor se entediaria.
A produção do mel, lá na colmeia,
Nenhuma só abelha afastaria,
Para participar doutra assembleia.
Ao repetir o que Jesus ensina,
Kardec não se enfada co'a doutrina.

Eu agradeço muito ao caro amigo
Haver dado atenção e, mais, carinho.

Não sei se aceitará seguir comigo,
Pois esta minha estrada tem espinho,
No fim, Jesus dará soberbo abrigo
A quem chegar co' a turma e não sozinho,
Pois tudo o que se faz, se faz melhor,
Quando se aplica a lei do amor de cor.

A HORA DA MORTE

O tema é grandioso, reconheço,
Para um pobre que rima, inferior.
Contudo, o crescimento tem seu preço,
Que todos vão pagar, com muito amor.
Mas, p'ra falar da morte, sem tropeço,
Preciso que haja apoio do mentor.
Com coragem, estudo e devoção,
Havemos de ajudar o caro irmão.

Na falta de que alguém me inspire a trova,
Eu tenho de fazê-la por mim mesmo.
Eu sei que o meu leitor também aprova
Que nada do que diga, diga a esmo,
Embora esta noção não seja nova,
Que ao porco se lhe dá virar torresmo
(Ainda que em reforço da poesia),
A morte não convém ao meio-dia.

Cedinho, de manhã, talvez não sinta
(Que as coisas não se passam na consciência),
Mas, ao chegar, não traz aquela *pinta*
De quem vem despejar muita ciência.
A vida co'uma só demão de tinta,
Ninguém acusará de imprevidência,
Embora as vibrações sejam contadas,

A fim de se saber se estão erradas.

À noite, a escuridão camufla a alma,
Que deve, então, brilhar por conta sua.
Se alguém chegar assim, recebe a palma
De ver que nem chegou e já atua.
Mas, se se esconde o gajo, perde a calma
O protetor, que apela para a Lua,
Para enviar uns raios traiçoeiros,
Que mostrem o sujeito aos companheiros.

E, se levar de pau, será bem feito,
Pois recebeu avisos de montão.
Pensou que, ao chegar, daria jeito,
Conforme fez na Terra o mandrião.
Não é o *cara* que se diz eleito:
Precisa, para isso, convenção,
Na qual estão presentes os mentores,
Espíritos de esferas superiores.

Mais um sereno aviso é o que estou dando
(Presumo, com humor e galhardia),
Para evitar que seja muito infando
O bulício da grande confraria
Dos que se encontram sob o meu comando,
Que é dura a pena dada na poesia
A quem nos ler e não acreditar,
Pensando lá consigo: *Vão pastar!...*

É claro que o que digo, digo em pranto,
Lembranças de um castigo merecido,
Porém, o meu leitor está no *enquanto*,
Ou seja, tudo pode ser mexido:
Um bronco e mau diabo vira santo,
No amparo de algum mestre bem sabido,
Eleito, não por medo, por esperto,
Na presunção que Morte esteja perto.

Ao defender o seu, pense no alheio,
Que deve estar também periclitante.
Não julgue que o poema esteja feio:
Procure ver que passe mais adiante.
Se notar que, no verso, titubeio,
Com amor, minha trova se garante.
Cada irmão irá ler, com alegria,
Dizendo que a Doutrina o auxilia.

Se o esforço dá temor, na prima hora,
Resgarde-se de nunca trabalhar.
Aquela antiga lei inda vigora,
De quem chegou em último lugar.
Jesus entenderá por que se chora
E pede para vir mais devagar,
No entanto, um dia, todos cá estarão,
Tenham ou não gostado da escansão.

Disseram que lancei tremenda praga,
Porque na ignorância se fartavam.
Mas, como progredir, sem a tal paga
Do amor, que os religiosos bons pregavam?
Nenhuma nobre ação a trova estraga,
Apenas as maldades onde entravam,
Não permitindo que se veja às claras
As virtudes da fé, que são mais raras.

Lembrei da morte, p'ra falar da vida.
Busquei não ser humilde nem *cafona*.
De que me adianta a tese comovida,
Se a minha estupidez me desabona?!
Melhor é dar de vez com a saída,
Demarcando os limites desta zona,
Com desrespeito, não, mas com vigor,
Que foi a condição de vir compor.

Pedir perdão por que, aqui no fim,
Se tudo quanto disse é bem verdade?

Se alguém julgar que a vida está ruim,
Talvez de algum dos versos mais se agrade.
Aí, há de rezar também por mim,
Que estou rogando, assim, pois sei que há-de
Custar bem pouco a quem me lê sem medo
Lograr que Deus nos tire do degrado.

O MISTÉRIO DESTES VERSOS

— *Preciso concentrar-me no serviço,
Que o verso não se faz, estando alheio.
Quem cumpre, com prazer o compromisso
Jamais há de aceitar um titubeio.
Aqui, portanto, estou, cheio de viço,
Que os planos, com amor, intermedeio. —*
Assim diz o bom médium, todo dia,
No aguardo de apanhar bela poesia.

Astuto, este poeta cumpre o rito
De revelar ao povo esse segredo.
Não quer que o caro médium fique aflito,
Porque da falsidade sente medo.
Aí, deseja ouvir: — *Eu acredito
Em verso original, não arremedo.*
Por isso, cabe ao plano cá do etéreo
Desfazer, totalmente, esse mistério.

Já houve quem dissesse que, no fim,
Os versos se parecem co'os humanos.
Não há como saber se um serafim,
Ao traduzir a trova, cause enganos,
De forma a resultar muito ruim
O verso, já que tantos são os danos.

No entanto, o sentimento prevalece,
Ao elevar a Deus a nobre prece.

Não venho estimular mais ódio à gente,
Que assim seria fácil de saber
Que a briga duraria eternamente
E o verso diluiria, sem poder
De realizar o tema em que se mente,
Que a indisciplina gera malquerer
Até nas simples rimas da mentira,
No desejo de ver que alguém se fira.

Eu venho estimular que haja amor,
Responsabilidade e muita fé.
Com esperança, então, hei de compor
Um verso em que a bondade finque pé.
A salvação se espera, sem rancor,
Pois a justiça nunca há de ser ré:
Nos tribunais divinos, todo o povo
Tudo há de refazer, se errar de novo.

É bem o caso de quem vem p'ra rima,
Pois, quando chega, há de cumprir a norma.
Quando o ditado não se dá no clima,
Tem de fazer, na trova, uma reforma:
Aquilo que antes era uma obra-prima
Num aparato tolo se transforma
E o gajo perde a luta do compasso
E ouve alguém dizer: — *Belo trompaço!*

Mas refazer um vaso é de somenos,
Conforme a Bíblia ensina a Jeremias.
Ainda que se errassem os co-senos,
Tu mesmo: — *Isto é fácil!* — nos dirias.
Os tempos para as rimas são amenos,
O sério é ver perdidos estes dias:
Não há vaso, co-seno ou simples verso
Que alguém possa sanar, sendo perverso.

Vamos unir as pontas do poema,
Para ultimar a nossa conclusão.
Enquanto versejamos nosso tema,
O amigo aí espreme o coração,
Pois sabe complicado o seu problema,
Sentindo que a tendência é dizer *não*,
Que o tempo tão premente que destina
Talvez seja bem pouco p'ra Doutrina.

Então, quem há de vir, com toda a luz,
Para mostrar que o Pai sempre perdoa?
Quem não disser que o Mestre é, sim, Jesus
Vai confirmar que a rima veio à-toa.
Verá, então, que a norma se reduz
A dar ao Pai amor e à gente boa,
Estimulando os maus para que vençam,
Em graça recebendo a mesma bênção.

Não sei se o caro médium meu faria
A mesma estrofe, como eu lhe ditei,
Mas penso que o leitor não negaria
Que a trova aqui cumpriu a melhor lei.
Se, acaso, não gostares da poesia,
Aceita que eu confesse, pois errei,
Acreditando o povo sempre esperto,
Mas vendo muito errado o que está certo.

A prece prometida para o fim
Talvez não cumpra as normas da poesia.
Mas seja *não* o *não* e *sim* o *sim*,
Para que a minha ideia de alegria
Consiga arrecadar, também p'ra mim,
Um pouco desta paz, desta harmonia,
Que está em se entender como divina
A lei do amor que vive na Doutrina.

Senhor, perdão p'ros crimes de minh'alma,

Especialmente, esta vaidade ingrata,
Porque quero levar do verso a palma,
Fazendo minha trova intemerata,
Enquanto a gente quer apenas calma,
Para alcançar o nó que não desata,
Se vós não enviardes mensageiros
Que venham fazer versos mais faceiros.

24

NA CORDA BAMBA

Eu trago esta minh'alma arrependida
De vir apresentar os seus enganos.
Mas como desfazer-me dessa lida,
Sem que os esforços sejam tão insanos?
Rogando ao bom Jesus uma saída
Que ajude a mim e a todos os humanos.
Por conta do mistério, se compreende
Que o verso necessita que se emende.

E como atribuir a quem escreve
A dúvida que n'alma inda vigora?
A vida é passageira e é tão breve:
Por que é que a compreensão tanto demora?
Isso acontece quando o fardo é leve
E não se joga a sorte porta afora.
Então, qualquer bondade nos ensina
Que é fácil de viver pela Doutrina.

Entusiasmado com o verso acima,
Estimulei o meu compadre aqui.
Não vou querer prodígios com a rima:
Por ora basta o som que consegui.
O som é nobre, quando legitima
Toda verdade original, por si.
Quem lê um verso sem sentir-lhe amor

Vai perguntar por que se vem compor.

Eu faço versos sem compor poesia,
Metrificando apenas esta prosa.
Bem sei que toda a gente não diria
Estar assim ruim, quanto é bondosa.
Quem conhece de trova, todavia,
Está a comentar: — *Esse não glosa.*
Dá cumprimentos com chapéu alheio;
E, se fizermos isso, diz que é feio.

No entanto, aqui verseja um companheiro
Que traz o coração feito em pedaços.
E quando uma oração simples requeiro,
Eu tenho de seguir estes compassos.
É regra que se dá no mundo inteiro,
Pois são sagrados todos os espaços.
Quem não respeita o cobro dessa lei,
Quando chamado, vai dizer: — *Não sei...*

Ao aprender, alguma coisa ensino,
Pois o meu treino está sendo aprovado.
Não vou, porém, chamar ninguém *menino*,
Já que a lição sou eu quem arrecado.
Os sons, tenho certeza que combino;
O tema é que merece contestado.
Se alguém quiser examinar a trova,
Talvez alcance da Justiça a prova.

Tanto castigo, aqui, talvez p'ra nada,
Que os meus leitores têm outras tarefas.
Examinar tais versos mais enfada,
Repetições sagazes, sinalefas,
E existe tanto espinho nesta estrada
Que não importa ouvir: — *Bem sei que blefas!...*
Depois de versejar com tanta verve,
Aí, sou eu quem diz: — *Isso não serve...*

Lá no começo, as dúvidas eu pus,
Que até no fim estão por toda a parte.
Eu afirmei que o bem vem de Jesus,
Sem me importar ser prosa esta minh'arte.
Agora quero que se acenda a luz,
Pois não se aceita aqui qualquer descarte:
Ou bem o caro amigo cria jeito,
Ou bem não haverá de ser aceito.

Duplo sentido tem a minha frase:
Cabe a você vestir a carapuça.
Se for pequena, há de dizer um: — *Quase!...*
Se for mui grande, a coisa há de estar ruça.
De qualquer jeito, agora é só uma fase,
Mas, quando alguém de fato a mente fuça,
Prepare-se p'ro choro convulsivo,
Ou venha aqui escrever, dando de *vivo...*

Andei na corda bamba dos meus versos:
Senti que balançava e não caí.
Não quis saber o quanto são perversos:
Fechei os olhos; fiz que não ouvi.
No fim, brinquei, que os lucros são diversos:
Quanta alegria existe, se alguém ri!
Por Deus do céu, quem estiver comigo
Emende o verso: fuja do perigo!...

25

SOTURNOS VERSOS

Eu sou aquele que não quis brincar,
Pois tudo fiz soturno, até demais.
Não gostava de ir mui devagar:
Tinha o bastante, mas queria mais.
Vivi na praia e nunca vi o mar;
E não me lembro de sorrir jamais.
Achava os homens tolos, sem juízo,
Desperdiçando os bens e o paraíso.

Aqui cheguei, rompante, sem temor,
Querendo ver os anjos a cantar,
Mas debrucei-me n'alma, com horror,
E tive de descer um patamar.
Na torpe escuridão, quis recompor
O que fizera errado, no meu lar,
E vi que o sofrimento desprezara,
Para tornar a dádiva mais cara.

Quem for batuta há de entender-me agora,
Pois dei a *dica* do elemento d'alma
Que me trazia tenso, a toda hora.
E, se escavar o meu quintal, com calma,
Vai encontrar o ouro por que chora
Quem nunca mereceu levar a palma,

Já que se perturbou com tanta usura,
O que torna mais séria a criatura.

Economizo até nesta poesia
E não dou conselho ao meu irmão.
Ao lavar o verso, eu não queria
Do despautério dar demonstração.
Cansei de argumentar: — *Eu não sabia...*
Isso mais aumentou a gozação:
Nas trevas, o melhor devora o filho,
O que não ponho só como estribilho.

Mas hoje vão dizer que melhorei,
Que cumpro a obrigação, com certo humor.
É que logrei saber que existe lei
Que determina a todos haja amor,
Se não à humanidade, aos da grei.
Na escala onde estava: a inferior,
Eu pus-me a trabalhar, com tanta gana,
Que esta minha expressão é quase humana.

Grande martírio é vir sem ter assunto,
Despreparado para um verso amigo.
Eu tive a ideia de que a turma junto,
Ao me ver troncho, me daria abrigo.
Mas quem mais sofre já não sofre muito,
Porque não quer pensar do modo antigo:
A seriedade é tema que perdura,
Quando a mente é brutal, perversa, dura.

Existem muitos com a mesma voz,
Sem transformar a dor numa canção.
Se o sofrimento gera um ato atroz,
Para que ouvir a manifestação?
Quem se apiedar que reze, então, por nós,
Para que o verso não se torne vão,
Mas não suspeite que este autor melhore:
Se não me fizer rir, talvez não chore.

Irei cumprimentar o caro médium
Que der continuidade ao meu trabalho.
Não quero que me diga: — *Que remédio!...*
É na suposição que eu sempre falho.
Mas uma coisa é certa: o triste tédio
Que nesta trova ponho de espantalho.
— *Por que sorrir, se nada é permanente?...* —
Há de afirmar boçal quem nega a gente.

Não fiz por mal a afirmação acima:
Quis pôr em risco o tópico do eterno.
Como provar que o autor merece estima,
Se tudo que aqui diz provém do inferno?
E não se trata de uma simples rima:
Se fosse assim, trajava o melhor terno.
É que é verdade que salvar-se o gajo
Vai depender da essência, não do traje.

Quis ser alegre, por chegar ao fim,
E consegui um simples trocadilho.
Há muitos, cá no etéreo, iguais a mim,
Que pensam que a pamonha vem do milho.
Já creio não estar tão mal assim,
Pois disse uma verdade, com rebrilho.
Qual é o parecer do meu leitor?
— *Melhor fará, se não vier compor!*

DESAFIO AOS POETAS

O meu departamento está fechado:
Pretendo reformar o interior.
Estando a trabalhar tão empenhado,
Me vêm pedir um verso de valor.
Eu quis me recusar, muito educado,
Mas me disseram que, se houvesse dor,
Aí, o exemplo iria ser mais lindo,
Na salvação de alguém que está fugindo.

— *Precisa que esta rima seja boa?* —
Eu perguntei, interessado e tenso.
— *Não deve o sentimento ser à-toa,*
Pois, no final, deve constar: — Eu venço,
Quando o inimigo meu o mal perdoa!
Mostrando o meu rascunho, eu disse: — *Penso*
Que não despertarei para a virtude,
Trazendo este meu verso bronco e rude.

É claro que o rascunho melhorei,
Pois reabri, então, minha oficina.
Mas foi p'ra me inteirar que existe lei
Que rege o metro e a rima determina.
Aí na Terra, no que mais falhei,
Foi não ter dado ouvido à sã doutrina:
Sabia que o amor regia tudo,

Mas não me dediquei ao seu estudo.

Eu tento comparar as duas normas,
Aproximando a trova da virtude:
Uma nos vai prover de nobres formas;
Outra há de demonstrar cada inquietude.
Eu disse que passava por reformas:
É como o verso que se espera eu mude.
Nada é perfeito e tende para isso,
Se o coração não rejeitar serviço.

Foi esse o sentimento que me fez
Tentar compor um verso dolorido.
Achei que fosse suficiente um mês;
Me deram só um dia, e dividido,
Pois tive de rever meu português,
P'ra vir dizer por que é que estou falido.
Me estimularam como nunca antes,
E perdoaram erros mui flagrantes.

Se for bem esse o sentimento alheio,
Pelo trabalho que me faz tão tolo,
Irei julgar que o verso não é feio:
Sentir-me-ei contente por compô-lo.
E posso até brincar, pensando: — *Dei-o,*
Para que sintam como é bom o bolo
Feito de amor, de paz, de compreensão.
Será assim que os maus refletirão?

Pois, nesta altura, eu já tomava gosto,
Acostumando ao som da melodia.
Aí, pensei: — *Como será no posto?*
Será que alguém de lá me ajudaria
A despejar no copo o verde mosto,
Caso a expressão forçar um todavia,
Ou ficarei indene dessa ajuda,
Pedindo, por favor, que alguém me acuda?...

Pretendo não ir longe com o tema:
A sugestão da imagem se completa.
É como o navegante que não rema,
Querendo que a viagem vá correta.
Mas este que aqui está, por mais que esprema,
Não poderá dar uma de poeta.
É que a emoção do verso aqui destoa,
Ao afirmar que o autor não é o Pessoa...

Revelação fugaz de uma cultura
Que se apagou nos tempos do entrevero.
Na escuridão, a verve não perdura,
Que o mais que lá se tem é desespero.
Aqui, na Escola, a mente está bem dura:
Lembrar-se do Poeta é um exagero.
Este exercício fez-me recordar
Que, quando versejei, foi devagar.

Agora, a trova fica diferente:
Não tem os mesmos lances de beleza.
A cada verso esta minh'alma sente
Responsabilidade junto à mesa;
O verso se transforma, realmente,
Embora a inspiração esteja acesa,
Pois volver à Crosta, sem vaidade,
É não notar que a água o barco invade.

Caso os amigos julguem que eu invento
Esta dificuldade p'ra rimar,
Caso não se distinga o sofrimento,
Porque já estou num outro patamar,
Eu vou pedir que pensem bem mais lento,
Imaginando estar em meu lugar,
Pedindo todo um ano p'ra fazer
Uma poesia só, como dever.

Eu sei que o desafio não tem sentido,
Que existe quem componha numa hora.

A este eu não convenço nem convido,
Pois quem é bom deve estar longe agora,
Com hinos e poemas envolvido,
Cantando o amor que lá no Além vigora,
A receber em bênçãos toda a luz,
Compartilhando o etéreo com Jesus.

Sinto a pressão do médium p'ra que eu faça
Mais uma oitava, pois nos sobra luz.
Mas, no improviso, o verso sai sem graça
E todo o sentimento se reduz
A simples centelhinha que não passa
De trôpego arremedo de Jesus,
Que carregou a cruz até o fim,
Mas que brilhou p'ra sempre, mesmo assim.

Desejo agradecer a toda a gente
Que me fez ver a luz aqui, de novo.
Não quero ser, portanto, indiferente,
Já que, no coração, eu me comovo
E guardarei o instante, eternamente,
Pois seguirei juntinho com meu povo,
Rezando de Jesus a bela prece,
Que é desse bem que o mundo mais carece.

A CASCA DO ABACAXI

Mantenha o capital bem empregado,
Que o Pai há de cobrar, até com juro.
Não deixe esta lição ali, de lado,
Que é cópia do *Evangelho*, em texto puro.
Às vezes, não se diz nada de agrado
E o gajo a nos voltar: — *Por que é que aturo*
Quem vem com tanta bronca contra mim,
Querendo se passar por serafim?!

Kardec é quem dizia: — *Sede atentos,*
Pois haverá quem seja mau profeta.
Não é porque habitais em bons conventos,
Que a vossa ideia seja a mais correta.
Nobilitai quem tem bons sentimentos,
Vindo mostrar de forma inda incompleta,
Mas sem fugir um ponto da Doutrina,
Para terdes o bem da melhor sina.

Quem é que faz o bem só por fazer,
Querendo do melhor p'ro semelhante?
Por certo, esse indivíduo não vai ler
O que venho dizer, ao meu talante.
É próprio de quem vive ter poder
De desligar a voz do alto-falante
Que passa apregoando o abacaxi,

Como a mais doce fruta por aqui.

É, sim, verdade o que citei acima:
Quando maduro, o fruto é bem gostoso.
Não foi apenas p'ra forçar a rima;
Foi p'ra pensar que existe sempre o gozo
De cultivar do amigo a nobre estima.
Embora versejar seja charmoso,
É bom pensar também na dura casca,
Que, quando se remove, tira lasca.

Não vou deixar o amigo aí na mão,
Fazendo versos sem qualquer sentido.
Procura tu estrelas pelo chão:
Vais encontrar algumas, pois perdido
Apenas este autor, a dizer *não*,
Depois de haver conselhos produzido,
Que é como no Planeta a mente embaça,
Na dura comoção, que vem e passa.

Não tenho medo de não ter sucesso:
Ainda bem que existe o desafio.
Diga p'ra mim: — *O verso já não meço,*
Porque, no etéreo, eu muito mais confio.
P'ra repetir, se não entendo, peço,
Pois, pouco a pouco, a chuva faz um rio.
Mas quando o sentimento é de impaciência,
Fica difícil de manter frequência.

Não queiras nunca desmentir o tema,
Porque as palavras são demais de grossas.
Caso duvides, usa o stratagemema
De imaginar que as leis do bem endossas,
Para evitar a desventura extrema
De aqui viveres em *gentis* palhoças.
Ajuda, pois, o teu irmão na dor,
Para alcançares muito mais amor.

Caso o conselho chegue nestas tardes,
Depois que a dívida se fez, perversa,
Faze contigo, como quando encardes
A roupa branca, por quedar imersa
Em água suja. Assim, jamais aguardes
Que vais mudar-te ouvindo esta conversa:
Lava de novo e esfrega o ponto certo;
Põe a corar ao Sol e fica esperto.

Somente agora pude compreender
Que o bom amigo briga pelo verso.
Não é questão de simples entreter:
É que quer ver o dom incontroverso
De quem exerce sobre o som poder,
A divulgar em trovas, no universo,
A angelitude, que transforma a alma
Em cânticos de amor, de paz, de calma.

Não fiques tenso: põe-te mais sereno:
Tudo virá em forma de poesia.
Esta tragédia que, agorinha, enceno
Vai resultar em dobres de alegria,
Caso consigas ver gentil, ameno,
O coração de quem te desafia.
E, se perderes tardes quase inteiras,
Outras terás, inda que tu não queiras.

Serenamente, a trova vai saindo,
Em versos soltos, pela folha afora.
Pela manhã, o dia estava lindo.
O sentimento d'alma ainda melhora,
Para fazer com que se dê por findo
O tema da poesia que demora.
Enquanto o tempo vai correndo, esperto,
O verso vem chegando, bem mais certo.

Quando pensava a trova concluída,
Dei meia volta e fui por outro rumo.

Assim é quase tudo nessa vida:
Esforço de fazer um bom resumo.
Mas, quando sinto a alma arrependida,
É certo, então, que vou perder o prumo.
Aí, cometo o grande e vil ludíbrio
De aqui ditar o verso do equilíbrio.

Eu sinto que perdi tempo demais,
Tentando desfazer minha impostura.
Mas foram os meus versos tão iguais
Que não se justifica esta procura
De dar-lhes atenção ou algo mais,
Para ver se a trova assim se cura.
Apenas reze uma oração por mim,
Nesse arremesso que coroa o fim.

LEMBRANDO A LEI MAIOR

*Acostumei-me com a rima troncha
E já não boto fé nesta rotina:
Se alguma pérola tiver a concha,
Há de lembrar a lei da sã Doutrina.*

Alguma vez eu tive a pretensão
De vir trazer à luz uma obra-prima?
Não tenho como dar de mim, senão
Dizendo que é bem grande a minha estima.
Não sei como os leitores agirão,
Mas posso acreditar ser bom o clima,
Se não fizer acusação alguma,
Buscando que o evangelho se resuma.

Catitos, os versinhos mais acima,
Embora as rimas sejam bem comuns.
O tema, se bem dito, mais sublima:
Não há necessidade de jejuns,
Que a trova, quando *quente*, reanima,
Mostrando que se perdem só alguns,
Por não mais confiarem no poeta,
Que a forma deste agir é incompleta.

Saber que este meu verso é desperdício

Me põe entristecido desde já.
Quisera debelar o maior vício,
Sem escrever, porém, fica o que está.
Assim, vou começar, pois dar início
Alguma coisa boa mostrará.
Mesmo que esta trova esteja troncha,
Nem sempre está vazia a feia concha.

Não quero que se encante o meu leitor
Com algo muito acima do normal.
Nem eu serei capaz de aqui compor,
Que a minha inspiração é natural.
Se for p'ra traduzir meu interior,
Começarei tão logo a passar mal.
Assim, o melhor verso que farei
Somente irá trazer-lhes esta lei.

Amai-vos uns aos outros, diz a lei
E ao Pai, que vos criou p'ra sua glória.
Caso vos esquecerdes, já não sei
Se poderei cantar aqui vitória,
Que os lucros destes versos são p'ra grei:
Não vos posso pedir a moratória.
As trovas valerão, assim, por si,
Dizendo, em tom velado, o que senti.

Estando no velório, alguém explica
Que o morto lhe devia alguns reais.
A tal pessoa não é muito rica,
Mas teria, co'aquele, um pouco mais.
Não se lamenta, apenas justifica
Os pensamentos, que são sempre iguais.
Assim é que versejo, nesta hora,
Sabendo que o leitor já foi embora.

O tema se repete, eternamente,
E cansa o bom leitor já prevenido
De que se segue a rima que se sente,

Pois tudo quanto disse foi ouvido.
Mencionasse uma vez a lei, somente,
E tudo se teria resolvido.
Insiste este poeta com o verso:
Só pode ser chamado de perverso.

Até estas piadas vêm à toa,
Que aqui não há que piem bons poetas.
As aves já se foram, como voa
Bem longe a trova com as leis completas.
Eu quis trazer a rima simples, boa,
Mas tu, com grão rigor, sempre mas vetas.
Assim, o desperdício é muito grande,
Por mais que o meu mentor gentil comande.

Desprezo e desperdício andam juntos,
Embora a gente insista com denodo.
Os dons das minhas rimas não são muitos,
Por isso é que me arrisco neste lodo.
Depois que os tais mortais viram defuntos,
De que vale que os sons venham a rodo?
Os que devem rimar com *desperdício*,
Se desprezaram tudo, *precipício*...

Por isso é que esta hora é importante:
Para pensar no amor que se sonega.
O verso que hoje trago só garante
Que, como bom poeta, a gente prega
O amor para o Senhor e o semelhante,
Porque, caso contrário, o mau se esfrega
E vai contribuir com mais barulho,
Jogado, lá no inferno, como entulho.

Eu prometi não vir para acusar:
Apenas repeti o tom do escrito
Nas linhas do *Evangelho*, um bom lugar,
Para tascar nos vícios forte grito.
Aqui, o meu conselho é devagar,

Pois sei que, um certo dia, no infinito
Não há de mais valer este estribilho,
Porquanto há de ser outro o nosso brilho.

Palavras de esperança e não de medo,
Quiseram que eu dissesse, todavia,
Pensei ser bem melhor um arremedo
Do que Kardec aqui também diria.
Talvez eu tenha vindo um pouco cedo,
Sem burilar melhor minha poesia.
Capricha, então, na prece aqui do fim,
Ó tu, leitor, e pede a Deus por mim!

O MEU TORMENTO

Saudei o meu amigo com a rima
Que fiz p'ra demonstrar-lhe o meu amor,
Mas a tal trova não criou o clima,
Por não ser eu mui hábil ao compor.
Não calibrei direito a minha estima,
Decerto por sentir-me inferior.
Agora, tento a oitava, no capricho,
Que o verso não me saia um outro lixo.

Assusta-me tamanha trabalheira
De quem me apanha os versos da poesia.
É claro que é produto bom p'ra feira:
Não tem tanta elegância ou galhardia.
E isso não se dá porque não queira,
Mas, sim, porque melhor eu não faria,
Pois faltam-me os conceitos superiores,
Aqueles que nos passam os mentores.

Aí, hão de pensar que estou mentindo,
Porquanto eu aprendi que o tema é sério.
Por mais que o verso não se faça lindo,
Provém, sem dúvida, de alguém do etéreo,
Que o tempo que nós temos é infindo,
Depois que se deixou o cemitério.
Assim, se o mestre ensina, o aluno aprende:

Não há que vir dizer que não entende.

Desculpas todos têm, a qualquer hora.
O que quero dizer é que não minto.
Dizem os mestres que tal lei vigora,
Mas, que posso fazer, se inda não sinto?
Se é fácil para uns, p'ra mim demora:
Há muitos furos para um mesmo cinto.
O resultado pode ser formoso,
Mas o fazer não traz um grande gozo.

Aí, vão discutir minha alegria,
Por encerrar o sacrifício d'alma.
Irão dizer que eu não me alegraria,
Se não levasse, no final, a palma.
Não quererão ouvir um *todavia*,
Porque passei um tempo sem ter calma.
— *A inspiração não vem toda, completa:*
Se o gajo não sofrer, não é poeta.

Cantar a melodia é muito bom:
O sentimento dela nos comove.
Mas houve quem gerasse o nobre som.
Se assim não for, eu quero que se prove
Que haja alguém que tenha tanto dom
Que os versos faça, sem tirar os nove.
Ao menos p'ra aprender, sofreu bastante:
É como amar a cada semelhante.

Não sei se o meu recado já foi dado.
A bom leitor, meia palavra basta.
Mas... e se alguém for entender-me errado,
Que a inteligência às vezes mui se arrasta?
Aí, eu recomendo pôr de lado
Toda intenção de ter cultura vasta:
Vai ter de fazer versos como eu,
Lembrando, cá no fim, do Bom Judeu.

Aí, alguém dirá: — *Mas há só um?*
Pensava que eram muitos, pela história.
Eu vou ter de dizer que é bem comum
Falar daquele que alcançou a glória,
Tratando com destaque, pois nenhum
Foi derrotado e teve tal vitória.
Muitos outros merecem ressaltados;
Mas reclamar de mim... estão errados!

A sutileza não será problema,
Para quem não tiver muita paciência.
A só leitura deste meu poema
Vai exigir do tal clarividência,
Pois, com amor e caridade extrema,
É que Kardec alçou, como ciência,
Alguns comunicados desta esfera.
E olhem que isto fez em outra era!

Coloque em cada linha uma virtude,
Para satisfazer minha poesia.
Talvez nenhum dos versos isso mude,
Pois meu apelo vai p'ra fantasia
De quem requer de mim outra atitude,
Porque versos ruins também faria.
E nisso se resume o sentimento:
É demonstrar quão grande é o meu tormento.

Vou terminar, que o dia foi glorioso:
Sofri, ao fazer versos, p'ra cachorro,
Mas não pretendo ter um outro gozo,
Porque dos trocadilhos sempre corro.
Assim, a melodia e o tema eu coso
E boto na cabeça, como um gorro:
Do lado externo, mui naturalmente,
Pois dentro não há nada nesta mente.

Vamos rezar, que é o mais que se aproveita
Desta trova boçal e pretensiosa.

— *Não posso concordar* — diz quem me aceita —.
Até que está engraçada, por ser prosa...
Enquanto o caro médium, com maleita,
Treme a querer que acabe logo a glosa.
No fundo, bem no fundo, até gostei,
Sem dar, contudo, a explicação de lei.

O TRABALHO DE VERSEJAR

Rancores vão ficando para trás,
No mundo de esplendores cá do etéreo,
Assim que compreendermos quanto a paz
É tema que se trata bem a sério,
Pois só quem não tem ódio é que é capaz
De alcançar o melhor do refrigério,
Subindo, desde logo, a outra esfera,
Ou, em missão, voltando, como espera.

Às vezes, titubeio numa rima.
Aí, peço perdão ao escrevente.
Demonstra que nos tem tremenda estima,
Em registrando o verso tão frequente,
Mas diz que, sendo assim, não mais se anima,
Pedindo que outro tema se apresente,
Pois se cansou de escritos tão perversos
E quer partir p'ra outros mais, diversos.

A oitava acima foi somente um teste,
P'ra perceber se o médium interfere.
Quando o poeta, em outro tema, investe,
Nem sempre há de cantar o *miserere*.
Foge o povo dos versos e da peste,
Não se importando quanto o autor se esmere.
Alguns que insistem hão de merecer

Que se lhes mostre aqui só bem-querer.

Nosso roteiro inclui falar da trova.
Parece claro p'ra quem leu os textos.
Repetição atroz é que reprova:
Muitos dos versos vão direto aos cestos.
E quando o comentário se renova,
Tornam-se as rimas os sutis pretextos.
De cambulhada, põe-se fogo em tudo,
Dizendo o mestre: — *É hora doutro estudo.*

Mede-se a trova, então, por outro prisma:
Alexandrinos ficam mais na moda.
O tema, aí, se enche de carisma,
Que essa cantiga já não é de roda.
Nesse momento é que o poeta cisma,
Fugindo dessa rima que incomoda,
Querendo unir a forma ao conteúdo,
Para mostrar que aproveitou o estudo.

E quem não tem assunto que aproveite,
Vai relatar como passou o dia.
— *Mas isso não irá causar deleite*
Ao infeliz leitor desta poesia...
Se o gajo é bom, espera-se que aceite
O verso pelo qual alguém diria
O que vai encontrar à sua espera,
Na hora em que chegar a esta esfera.

— *Ninguém tem tanto tempo para isso,*
Que a vida tem mais pressa p'ro dinheiro.
Devo lembrar, então, que este serviço
Não faço porque quero, mas requeiro.
Há sempre de existir um compromisso,
Para limpar a alma por inteiro,
Seja o mortal na Terra a ler a trova,
Seja o poeta a ver se o bem comprova.

Não é difícil, pois, montar a estrofe:
Basta saber um pouco da doutrina.
Caso o final do verso se *enfarofe*,
Reúna o pessoal que alguém ensina
Como deixar de ter a rima-bofe,
Que assim é que o amor se determina.
E quando alguém lhe passa a solução,
Não chame mais de amigo; diga: — *Irmão!*

Não caia na armadilha, por favor,
Que o verso foi montado p'ra pegá-lo.
Quando se quer amor, se dá amor,
Na forma mais que simples do regalo.
Assim, os *tremeliques* ao compor
Irão prejudicar o bom embalo.
Ao ler o melhor verso, pense em mim:
É boa a alma; o verso é que é ruim.

Não vou desarvorar os sentimentos:
O pensamento é bronco mas é puro.
Eu já passei por ríspidos tormentos,
Por isso é que dar paz é que procuro.
Se os meus dizeres são bastante lentos,
É que sei muito pouco; isso eu juro.
Não é o efeito de uma pobre rima:
Ao trabalhar, o verso a dor sublima.

Não me revolto, pois, se o verso é pobre.
O tema da revolta não carece.
Meu sentimento o bom leitor descobre,
Ainda mais se orar a melhor prece.
Aí, posso afirmar até que sobre
Inspiração, que amor mais favorece
Que o verso ganhe foros de poesia,
Instantes de total melancolia.

Agradecendo ao Pai, eu chego ao fim.
Com bom humor, o mal a gente ilude.

Peço somente que, ao rezar por mim,
Não exagere em ver muita inquietude.
O meu trabalho é tenso por ruim.
Aí, é que há de entrar sua virtude:
Prometa, ingenuamente, fazer versos,
Para entender o quanto são perversos.

31

TROVA DE EX-MILITAR

Atrapalhei-me, um dia, aí na Terra,
E vim parar no Umbral, como soldado.
Queria ser herói, em rude guerra,
Estive muito tempo acovardado.
O que é viril aí, aqui emperra,
Pois a moeda mostra o outro lado.
Se nada, na consciência, é permanente,
Enquanto dura a dor, tudo é presente.

Carrego na memória essa lembrança
De aqui haver chegado sem valor.
O duro é que a saudade não se cansa
De lembrar um tempo anterior
Em que, bem jovem, punha na esperança
O sentimento de tentar compor
A vida com valores transcendentais,
Mas não pensei na lei dos consequentes.

Estranhará o fato o meu amigo,
Porque tem o soldado compromisso.
A guerra há de ofertar grande perigo:
É próprio p'ra quem vai prestar serviço.
Assim, quando matar um inimigo,
Que tem de ver o etéreo lá com isso?
Pois digo que se cai em fundo abismo,

Quando não se prevê tal egoísmo.

Pedi Jesus amor aos semelhantes,
Sem excluir daí os militares.
É claro que sentiu bastante antes
Que as mortes se dariam aos milhares,
Mas, mesmo assim, tentou tornar flagrantes
As virtudes, em contos exemplares.
Sacrificou a vida por amor:
Não mataria o Mestre simples flor.

Eu venho aqui tentar, em pobres trovas,
Tornar mais adequado o meu discurso.
Não consegui trazer severas provas,
Porque não vou tornar-me amigo-urso,
Mas devo prevenir quais são as covas,
Para que se navegue em outro curso.
Há profissões deveras arriscadas:
Se não pensar nos outros, chicotadas.

Se a luva desse tapa é de pelica
— Que assim é que os meus versos considero —,
Este sermão até se justifica.
Se me disserem que o teor é fero,
Que a rima nesse caso é feia e é rica,
Vou alegrar-me, que este ensino é vero:
O bom soldado cumpre o seu dever,
Quando, no coração, traz bem-querer.

A guerra está no mundo, em toda a parte,
Não há que examinar com minudência.
Emprego, neste texto, apenas arte;
O resto há de ficar lá na consciência.
E veja que não faço um só descarte:
Demonstro até agir com imprudência.
Não vamos mais pensar nestes instantes;
Teremos de saber o mal de antes.

Acovardei-me lá na profundeza,
Envergonhado do projeto tolo.
Estou agora junto a esta mesa,
Imaginando como recompô-lo.
Devo manter tal esperança acesa,
Com mais coragem, p'ra enfrentar o rolo:
Responsabilidade cá no etéreo
É demonstrar o quanto o amor é sério.

Eu penso que o trabalho esteja bom,
Contudo, muito longe de obra-prima.
Aqui vem versejar quem não tem dom;
O metro, qualquer verso legitima.
Na Terra, o bom marido diz: — *Bombom!* —,
À sua esposa, quando o amor sublima
A tremenda feiura da matéria,
Porquanto a alma é boa, nobre e séria.

Da mesma forma, este meu verso deu
P'ra festejar a trova que se fez.
Eu gostaria de aplaudir o seu,
Que um dia ou outro há de chegar a vez.
Mesmo que agora seja o gajo ateu,
Pensando ser só farsa de entremez,
Havemos de encontrar-nos neste céu,
Depois de serenados do escarcéu.

Muito obrigado, amigo, passe bem!
Eu sei que este trabalho é redobrado
Não só p'ra nós, para você também.
Espero tê-lo aqui ao nosso lado
Não só p'ra um tosko verso, p'ra mais cem.
E não se sinta apenas convidado:
Pense numa missão de ser humano.
Que esse é seu destino, eu não me engano.

A quem me leu a trova, sem temor,
Examinando a profissão que exerce,

Como soldado, exímio defensor,
Que o mal do mundo quer cortar bem cerce,
Eu recomendo que aja com amor,
Pois que por ele existe quem mais terce,
Nos planos superiores desta esfera,
Buscando dar o apoio que se espera.

UM TRAPALHÃO

Atrapalhei-me, um dia, co'a virtude,
Pensando estar de bem co'a natureza,
Quanto a torpe matéria nos ilude,
Prometendo do amor total certeza.
Queria, então, dizer: — *Fiz o que pude,*
Para manter tal chama sempre acesa.
Mas, quando aqui cheguei, que decepção:
Falou mais forte o *ego* que a emoção.

Atrapalhei-me, então, também no etéreo,
Sem entender por que o tal castigo.
Julgava-me um sujeito muito sério,
Pois não gostava de correr perigo.
O meu trabalho foi sem refrigério:
Podia o meu patrão contar comigo.
E, lá na igreja, a espórtula bem grande:
Deixar um pouco mais não há quem mande.

Querendo partilhar do bem geral,
Não fui capaz de ver um pouco além.
Pensei que trabalhar nesse ideal
Seria dar um pouco do que tem,
Mas maltratei quem era meu igual,
Satisfazendo o dono do armazém.

E punha do meu bolso algum trocado,
Para prover o padre, com agrado.

Eu via que era assim que se fazia:
Lição que o povo todo assimilava,
A vida sempre tem muita alegria,
Se a gente for mais livre, não escrava.
Assim ia fazendo, dia a dia,
Sem reparar quão grande a minha trava:
Lição que Jesus Cristo nos passou,
À qual o tonto aqui não atentou.

— *Agora, não adianta lamentar.* —
Um dia, lá no Umbral, pensei comigo.
Queria era sair do mau lugar.
Onde, porém, iria ter abrigo?
Então, fui repassando, devagar,
Toda razão possível p'ro castigo.
Cheguei à conclusão, muito infeliz,
Que os males eram todos de raiz.

Muito egoísmo, orgulho e tal vaidade
Que me cegava a vista de mim mesmo.
Pensava estar fazendo caridade,
Ao dar as tais espórtulas a esmo,
Mas, lá na Terra, quem se persuade
Que não se agrada porco com torresmo?!...
O *próximo* está longe, eternamente,
Quando só o patrão parece gente.

Cada repetição não vem à toa:
É para demonstrar como é que sofre
Aquele que, na Terra, não destoa,
Pensando nas moedas do seu cofre.
A consciência ali jamais perdoa,
Mesmo quando se apela a Santo Onofre,
Porquanto o gajo sabe quando é rima
E o protetor percebe quem sublima.

Assim, aconteceu também comigo:
Arrependi-me a tempo da maldade.
Não precisei voltar para o perigo,
Que, em ondas, cá na Terra, a alma invade.
Fui recolhido a este bom abrigo,
P'ra meditar no amor da caridade,
E, quanto mais me convenci do orgulho,
Mais precisei pisar em pedregulho.

Trabalho, com ternura, para um chefe,
Que me quer ver completamente são.
Não vejo um só colega mequetrefe
E chamo a qualquer deles *bom irmão*.
Pensei na minha espórtula ser blefe:
Queria era comprar a salvação.
Agora, estudo as normas da Doutrina,
Que, com amor, o mestre nos ensina.

Assim é que pediram esta trova:
Que demonstrasse a todos meu valor.
Eu penso que o meu verso só comprova
Que devo me esmerar para compor.
Mas, como tudo sempre se renova,
Um dia, eu voltarei, com mais amor,
Pedindo a Deus melhor inspiração,
Para que a rima nunca venha em vão.

Estando, agora, livre p'ra compor,
Pois o serviço terminou acima,
Vou repetir o cânone em vigor,
Aproveitando o que me der a rima,
Para pedir ao povo mais amor,
Pois só co'amor o dom se legitima:
De que me adianta aqui fazer os versos
Se, no final das contas, são perversos?

É bom saber que todos, na ciranda,

Irão cantar cantigas bem felizes.
Mas que fazer se o *cara* aí não anda,
Na compreensão das sérias diretrizes?
É bonitinho ver um urso panda,
Mas, se faminto, há de arrancar raízes.
A imagem sofre um pouco de estranheza:
Pensa no que dirás, junto a esta mesa.

LEMBRANDO TOM JOBIM

Integra-se o meu verso no roteiro
Da turma que aqui vem p'ra poetar.
Não tenho compromissos, mas requeiro
Que me reserve o médium o lugar,
Pois eu passei o dia, quase inteiro,
Para propor-me a este patamar,
Não tendo muita coisa p'ra dizer,
Mas um abraço amigo é de dever.

Na vida, eu tive tudo que o dinheiro
Permite a quem o tem poder comprar.
Hoje, a miséria é tanta que já beiro
A estupidez de um fim mais que exemplar.
Mas eu prometo achar, neste palheiro,
Um alfinete, ao menos, p'ra mostrar
Que tenho precisão de tua prece,
E mais o povo todo que padece.

Preciso, em breve, pôr um paradeiro
Ao sofrimento, que não sei calar.
Por isso é que, na trova, eu me aligeiro,
Quando devia ir mais devagar.
Caso me desse um ar bem galhofeiro,
Até que poderia exp'rimentar
O doce enlevo de feliz pilhéria

E não toda a amargura da miséria.

Tanto treinei a rima do *primeiro*,
Que não consigo mais ultrapassar
O mesmo pensamento zombeteiro
De nunca mais o verso variar,
Para mostrar ao povo que me inteiro
Das normas de quem vem p'ra versejar,
Trazendo simplesmente egocentrismo,
Como quem vai cair em fundo abismo

Mas não fui eu quem fiz aquele samba
Que utilizou da escala uma só nota.
Não foi malandro, mas foi gente bamba,
Que soube aproveitar a sua quota.
Enquanto, aqui, meu verso mais descamba,
O dele passa ao largo, em grande frota,
Barquinho em mar azul, que aporta, enfim,
Poeta Brasileiro, Tom Jobim.

Espero, em doces ânsias, que melhore,
Para que venha, em breve, versejar.
Por isso, peço ao povo que não chore,
Que possa aqui sentir-se no seu lar.
E peço ao Pai que a cura não demore,
Pois tem tantos amigos p'ra abraçar.
Quando a tardinha cai, neste hemisfério,
Reúno as vibrações, num lance sério.

Mas chega de saudade, pois não devo
Levar a quem me lê a outro choro,
Pois basta que se tenha um leve enlevo,
Que exige a confiança em Deus decoro,
Estando a surpreender-me que me atrevo
A vir cantar em solo e não no coro,
Moeda que me fez ficar um dia
Na mui amável turma da poesia.

Não vim fazer uma homenagem, não:
Só quis lembrar um ponto da Doutrina.
Entristecer não é só ilusão:
É sentimento que se disciplina.
Chorei também co'a vinda desse irmão,
De inveja por não ter a mesma sina.
Se comecei pedindo a tua prece,
É que meu coração muito carece.

Ao dizer isso, a turma reclamou,
Que exagerava aqui o mau poeta.
Ao descobrir que exagerado sou,
Minha ruindade está bem mais completa.
Por ter uns bons amigos é que estou
A elaborar poesia tão correta.
O sentimento é meu; e sinto muito;
A trova é minha, com a turma junto.

Eu quero agradecer ao caro médium,
Porque me permitiu falar do Tom.
Está ele a dizer: — *E que remédio,
Se devo registrar o que está bom!*
É que bem sei que não queria assédio
Que não correspondesse com o dom
De arquitetar a trova lindamente,
Com medo de falhar, que o Tom é *quente*.

Usei do estratagema de uma rima
Que repeti, em quatro estrofes tolas.
Foi para introduzir o nobre clima,
Porque justificava o tema pô-las.
Espero prosseguir com sua estima,
Arrulhando alguns versos, como as rolas.
Como diria o Tom, mudando a nota,
Pois mostro o quatro-paus e escondo a sota.

Se comecei tão triste, já termino,
Prosa o bastante p'ra fazer gracejo.

Tendo sido seu fã, desde menino,
Vim para executar, no realejo,
Se não uma canção, nem mesmo um hino,
Uma poesia simples, neste ensejo
Que me ofertou o Pai e os bons irmãos,
Poema que estará em nobres mãos.

MEUS ENGANOS

Sentindo-me à vontade, fiz a trova
Que trago agora diante do leitor.
Aqui não ponho ideia muito nova
Nem rima mui difícil de compor.
É que os alunos passam pela prova
Que devem cá mostrar, seja o que for,
Para que os bons amigos se aproveitem,
Embora quase nunca se deleitem.

Eu vou contar a história duma vida
Que se perdeu nas brumas da maldade,
Dum'alma que chegou arrependida
E que rogou a Deus, por caridade,
Que fosse inscrita para a rude lida
De pôr em verso a dor que um dia há-de
Oferecer à luz da mente humana
Motivos para ver como se engana.

Não fui ninguém que tenha sido preso,
Nem fui notado como alguém de fama.
Inteligente, me mantive aceso,
Iluminado pela frágil chama
Que sufocava a ideia de desprezo,
Mas sem vencer o tédio desse drama.
Quis respirar, comer e amar, também,
Sem perguntar o que seria o bem.

Introvertido, eu tive alguns problemas,
Dos quais fugi, deixando p'ra depois,
Mas não seriam sensações supremas:
Um desencontro a resolver-se a dois.
Eram vitais as dúvidas dos temas;
Eu a dizer somente o *por-quem-sois*:
Deixei passar a hora mais bonita.
Fiquei sozinho. Ó decisão maldita!

Logo encontrei alguém que me quisesse
E pretendi dar fim ao compromisso.
O mal que a gente faz sempre aparece
E, se posso dizer, com novo viço.
Você plantou, quem é que colhe a messe?
Não queira dar a outro esse serviço.
Queria respirar, comer, amar:
Das três, duas eu fiz, até fartar.

Perdi a minha amada, aí no mundo:
Lhe songuei carinho por bobagem.
Vivi mais de cem anos tão imundo
Que nem sei descrever tão forte imagem.
E o meu desprezo aqui foi tão profundo
Que perco, ao lembrar, a tal coragem
De dar ao meu leitor a ideia certa;
Só vou deixar a porta meio aberta

E sabem o que fiz de tão errado,
A ponto de sofrer até agora?
Eu quis manter a moça noutro estado;
Não desejei chamá-la de *Senhora*.
Levá-la pela rua do meu lado?
Foi quando ela, chorando, foi embora.
Discriminei-lhe a cor: tolo, covarde
E sinto que meu rosto ainda me arde.

Eu tive filhos, sim, que não amei,

Endividado eternamente a ela:
Caprichos de um amor que era de lei.
E como aquela fada era tão bela!
Por onde vai agora, eu já não sei:
No Céu, talvez, a olhar-me da janela,
Pois reconheço, sim, o quanto é duro
Romper o compromisso, ser perjuro.

Foi duplo o compromisso que rompi,
Pois fiz alarde que daria amor
E segurança, ao partir daqui,
E repeti a jura, ao lhe propor
Vivermos juntos, mas fui quem parti,
Porque tinha na pele uma outra cor.
Os anos que passei atormentado
Mais quisera esquecidos deste lado.

Mas foi aqui que tive de curtir
O sofrimento, à vista da consciência.
É duro a gente não ter devenir
E sobre o tempo não ter influência,
Ser uma haste sem poder florir,
Porque conhece a lei da consequência:
Faltando a seiva, as folhas e as raízes,
É ver o bem, sem ter as diretrizes.

Arrazoei ao modo que me veio:
Fiz o que pude p'ra compor a rima.
A minha dor gerou o titubeio
De evidenciar aqui o rude clima.
Por ser meu crime por demais de feio,
Não é assim que se demonstra estima.
Peço perdão, portanto, pela trova:
Bem disse acima que não era nova.

O bom Jesus me deu tranquilidade;
A minha amada já me perdoou.
Devo-lhe ainda a tal felicidade,

Mas me preocupa aquilo que hoje sou,
Que é muito o medo que minh'alma invade.
O que era tolo um pouco melhorou.
Dou-te um abraço amigo, bom leitor,
E volto para o estudo, com amor.

RETIRANDO A VENDA

A turma da poesia não se sente
Bem preparada p'ra enfrentar a glosa.
Quem fala que está bem, provavelmente,
Quer ser muito polido, pois é prosa
O verso que ditamos mais frequente,
Que o texto, na cadência, bem se dosa,
Mas não traz emoções em seu compasso,
Pois são outros os temas neste Espaço.

Quem vem lembrar a vida, aí na Terra,
As tristes cabeçadas contra o bem,
Revolve os sentimentos de quem erra,
Para fazer sofrer quem lê, também.
Mas que lição tal verso mais encerra,
Além da de dizer que mais alguém
Se viu preso nas garras da maldade
E quer ver se tal dor a trova invade?!...

Não tenho o que dizer por conta minha.
Queria era mostrar temas de estudo.
E como estão as uvas dessa vinha?
Muito verdes, na forma e conteúdo.
Como, porém, não vou sair da linha,
Que tal dizeres tu: *“Então eu mudo,*

*Na condição de que se englobe o ensino:
Jesus e Allan Kardec em um só hino”?*

Reproduzi a ideia do meu povo,
Que assim também pensava, quando vivo.
Não há, portanto, aqui, nada de novo:
Com que Jesus falou eu já convivo
E as peças de Kardec eu também movo,
À luz do Cristianismo redivivo.
Mas colocar em verso é que é difícil,
Pois tem muitos andares o edifício.

Estou brincando mas o tema é sério:
O que menos suporte é hipocrisia.
Depois que regressei do cemitério,
Tentei em vão aqui compor poesia.
Era a intenção tão só de refrigério:
Reproduzir lições eu não queria.
Desculpava-me, então, com a Doutrina,
Que, sem estar bem sério, não se ensina.

Não quero dar de muito sorrateiro,
Pois perdoar a dor é obrigação.
O sentimento alegre é que requeiro
De quem nos aceitou a dar lição.
O Mestre foi, um dia, carpinteiro:
Qual obra nos sobrou de sua mão?
Deve esquecer-se o verso e o sentimento;
Deve reter-se o fim desse tormento.

Quando inseri, na rima, algum ensino,
Fiz alusão tão simplesmente à luz.
Não quero que se pense que combino,
No que faço, Kardec e o bom Jesus.
Só vim cantar, bem longe de ser hino,
Como é que o ser humano se conduz,
Quando não tem de trova cabedal
E reconhece, assim, quanto está mal.

Qual a lição que prego nos meus versos,
Eis o exercício p'ra fazer em casa.
Não vou dizer que estão muito perversos,
Como também não são nenhuma *brasa*.
Se existem méritos, estão dispersos:
É que não perco a rima de uma vaza.
Modéstia à parte, é esse o sentimento,
Mas muito brando, que o pensar é lento.

Se descrevi o pensamento humano,
Tão fugidio, arrisco e debochado,
Não vou dizer que também eu me engano,
Porque estaria, então, encalacrado.
A quem julgar que estou ficando insano,
Basta rezar, p'ra ser de meu agrado,
Pois de que vale a vida sem mistério?
Que fique algum p'ra após o cemitério.

P'ra Allan Kardec, a caridade salva;
P'ra Jesus Cristo, amar é compromisso;
Para a beleza, existe a Estrela d'Alva;
Para o sorriso, achar um bom serviço;
P'ra quem sofrer, um chá de sálvia e malva;
E, p'ra mim, esta rima, quando enguiço.
O resto vai por conta do leitor,
Que, um dia, cá estará, para compor.

Sentiu, batuta, a trova tão sem jeito,
Conforme disse na primeira estrofe?!
Mas, que fazer, tem de levar no peito,
Mesmo que bote boca afora o bofe.
Porém, se alguém errar, então respeito,
Pois quem aprende quer que o verso afofe
A dura condição da seriedade,
Que exige que haja amor — e persuade.

Não quero fazer beijo, cá no fim,

Porque sinto saudade aí da Terra.
Foi bem por isso o verso tão ruim;
É bem assim que a trova agora emperra.
Não vou pedir que rezem mais por mim,
Que existe gente triste, em dura guerra.
Eu peço mais, peço que a vida renda.
Tirem, por Deus, da vista a negra venda!

36

HURRA!

Não precisava vir, meu caro médium,
Que, às vezes, descansar será preciso.
A gente não compreende possa o tédio
Introduzir-se nesse seu juízo,
Mas, para a tal doença, o bom remédio
É trabalhar co' amor. Então, aviso
Que fiz esta poesia; e já está feita:
O resto são tremores de maleita.

Desejo que o meu ponto bem se entenda,
Então, vou explicar com minudência.
O verso já está pronto e sem emenda:
Não vai poder sofrer minha consciência.
É claro que pretendo que me renda.
Assim, não posso decretar falência.
Daí a influenciar a toda a gente,
Só se estivesse o gajo aqui demente.

Passar ao povo ingrato aí da Terra
Tampouco adiantará p'ro meu progresso.
Se o *cara* que me ler no mal se aferra,
Vou perguntar: — *Cadê o meu sucesso?*
Se a virtude co' o vício entrar em guerra,
A paz, entre os humanos, eu não peço,
Pois sei que Jesus Cristo disse claro:
— *Se pensam que os reúno, mais separo.*

Aí, vão perguntar, muito matreiros,
Por que não me dedico a outro mister.
Preciso estimular estes braseiros,
Sem me importar demais com o que der.
As runas decifradas são letreiros,
Não trazem nada simples, de colher,
No entanto, os sábios todos querem ler,
Para sentir a força do saber.

As teorias vão-se acumulando.
São descobertas muitas por acaso.
Da mesma forma, aqui, ao meu comando,
O médium vai moldando este meu vaso.
Quem sabe se o velame ao vento, pando,
Há de levar-me além, porque me embaso
Nas lições que Jesus ainda ensina,
Por meio de Kardec e da Doutrina.

A tentativa é válida, decerto,
Que o Mestre insistiu tanto, comovido.
Apregoou aos entes no deserto,
Que estavam a tentá-lo, mas duvido
Que achava ter deixado mais aberto
O coração de quem, já prevenido,
Apenas desejava perturbá-lo,
Querendo ter o Céu como regalo.

Não sei se compreenderam a mensagem
Que venho repetir, sem qualquer brilho.
Todos os seres vão nessa viagem:
Quem há que do Senhor não seja filho?
Se não me lerem, pois, não há vantagem
Em vir trazer ao povo este estribilho,
Mas se só um me der sua atenção,
Jamais será o esforço feito em vão.

Assim, um bom serviço que se presta,

Às vezes, não alcança recompensa.
Outros colocam corações em festa,
Alvíssaras que o gajo sempre vença:
Passado o encanto, quase nada resta.
Quem sabe ver aí a diferença?
A decisão final a Deus pertence:
P'ra quem agiu direito, sem *suspense*.

O homem tem delíquios e esmorece:
Afoga em álcool os seus males bobos.
Caso elevasse a Deus serena prece,
Não dava ouvido aos uivos desses lobos.
Ia colher os frutos, quando a messe
Se assemelhasse àquela dos mais probos.
É só questão de ir compondo a trova.
Não há que se assustar: é certa a cova.

Não penso, como muitos, ser inútil
Este trabalho insano, dos perversos.
Eu sei que agora o tema não é fútil,
Impróprio para pôr em pobres versos.
Pretendo, aqui, porém, ter inconsútil
A rima, pois não quero ver dispersos
Os bons amigos, nesse Umbral de dor:
Melhor é tê-los juntos, com amor.

Não vá ficar meu escrevente aflito,
Se alguma vez falhar para o ditado.
Caso exagere na modorra, eu grito,
Mas este dia foi de meu agrado,
Pois lhe senti o esforço tão bonito,
Que a máquina o deixou mui perturbado.
Se há boa vontade p'ro trabalho,
Você vai ver: o meu cantar espalho.

P'ra terminar, estendo o meu abraço
Ao bom leitor, por me levar a sério.
Ao perguntar se esta poesia eu faço

Para me dar suave refrigerio,
Vou lhe dizer quanta aflição eu passo,
Que o resultado é sempre só mistério.
Treinei bastante: as caixas de rascunhos
Bem poderiam dar seus testemunhos.

— *Que resultado é esse, misterioso?*
Nos dois sentidos, bem posso dizer.
Nenhum, porém, pretende só o gozo
Do encantamento de fazer ou ler.
É o primeiro, o estudo rigoroso,
No cumprimento sério do dever.
É o segundo, o ensino para o povo,
Para que sintam o bem como algo novo.

Em qualquer caso, ao chegar ao fim,
Devo partir p'ra outros contributos.
Se cá viesse só comer capim,
Quando os leitores não são tão astutos,
Me regalava o verso tão ruim,
Porque diria apenas: — *Mas que brutos!* —,
Sem compreender, deveras, este ensino
Que pretendi compor em forma de hino.

Agora, adeus, pois vim longe demais,
Na minha trova pretensiosa e burra.
Quero fazer, com meu leitor, a paz,
Depois gritar, com os colegas: — *Hurra!*
Tal alegria pode ser falaz,
Pois sempre existe alguém muito caturra
Que vai jogar ao fogo a pobre rima
E desprezar, com isso, a nossa estima.

Mas vou pedir ao Pai não aconteça
O que minha visão me determina.
Desejo que este ensino valha e cresça,
E englobe as leis que existem na Doutrina,
Para que a salvação mais favoreça

A quem esta leitura já fascina
E emprega todo o tempo em caridade,
Pois nada existe além que a Deus agrade.

MEU ROGO AO BOM LEITOR

Venho trazer, também, o meu amor,
Em lavras de carinho e formosura.
Eu vou pagar o preço, quanto for,
Para tornar a rima bem mais pura,
Porque vou demonstrar que tem valor
Aquele que me lê sem impostura.
Caprichos de um poeta desta hora,
Que não quer recordar, porquanto chora.

Aí, podem dizer que tive medo
De pôr a lume a vida em desatino.
Vou concordar, pois acho muito cedo
P'ra comparar o meu ao seu destino:
P'ra quem conhece o bem, não é segredo
O que não aprendi, mas já ensino;
P'ra quem pratica o mal, não faz sentido
O que possa compor, mui comovido.

Rendo homenagem, pois, a quem pratica
As normas do Evangelho e da Doutrina.
É alma que, ao chegar, vai estar rica,
Pois, desde já, com o melhor atina.
Assim é que a virtude glorifica,
Ao orvalhar de amor a sua sina,
Que o sofrimento vai se transformando
Em frutos, que se colhem não sei quando.

Aos poucos vou dizendo por que vim,
Disposto a elogiar quem mais trabalha.
Não é p'ra que receba, lá no fim,
Apodos, por vencer esta batalha.
Mas é p'ra demonstrar que é bem ruim
Anunciar adrede que haja falha,
Quando a intenção é dar ao bom leitor
Razões para manter o seu valor.

Jesus, quando cruzava o rio Jordão,
Lembrava-se do primo e do batismo.
Assim, quero que guarde o meu Irmão
A trova, que lhe dou com otimismo.
Ao repetir de cor, sentir-se-ão
Felizes os poetas cá do abismo.
São preces essas lágrimas vertidas,
No envolvimento triste de outras vidas.

Concordo que haja risos na poesia,
Quando a gente descerra o nobre véu.
Chorar, aqui na trova, é hipocrisia,
Se flana esse indivíduo pelo Céu.
Por isso é que o poeta mais queria
Honrar o bom leitor, sem escarcéu,
Lembrando-lhe a lição que deu Jesus,
Que o verso a mais que isso não conduz.

Merece o meu leitor tal elogio
Ou pena p'ra entender esta Doutrina?
Às vezes, não aceito o desafio
Do mestre, que as virtudes nos ensina,
Porque não sinto em mim aquele brio
Que vem de Allan Kardec e que ilumina
O Espiritismo, que desperta o bem,
Para aplicar na Terra e cá no Além.

Vou recolher as velas desta nave:

É hora de volver ao meu estudo.
Deixei para o viver a melhor chave,
Especialmente se o sofrer é rudo.
P'ra quem transcorre a vida mais suave,
É bom saber das leis o conteúdo,
Que assim é que rebrilham, nestes campos,
Alguns que têm luz própria, pirilampos.

As trevas são, portanto, necessárias,
Para saber que existem os que brilham.
Mas por que brilham, se já foram párias?
Porque seus sentimentos se perfilham
Pelos dons das virtudes, que são várias,
Caminhos que os melhores sempre trilham,
Por onde todo o mundo vai passar,
Puxando quem esteja devagar.

Não sei se satisfiz minha premissa:
A de lavar co' amor e com beleza.
Eu sei que o verso pobre sempre enguiça
(Responsabilidade junto à mesa),
Mas vamos terminar com tudo em *pizza*,
Para dar a impressão de estar acesa
A inteligência rara do poeta,
Que o choro, no final, enxuga e veta.

Não vou soltar as rédeas do cavalo,
Que o tranco me vai pôr fora da sela,
Mas vou dar liberdade, pois montá-lo
Me fez ver que esta luz provém de vela.
No fim, é que me acuso com regalo,
Olhando p'ra paisagem desta tela,
Onde pintei a nave em alto mar,
Na tempestade, em vias de afundar.

Espero em Deus que tenha conseguido
Vir demonstrar que a vida continua.
Pensar que não fui eu não tem sentido,

Porque o encarnado aqui não mais atua.
Em uma hora e vinte, eu já duvido
Que possa arquitetar a mente sua
As doze estrofes deste mau poema,
Por muito que o bestunto seu esprema.

Caminho para o fim muito depressa
E faço desta rima a minha prece.
Posso dizer que aqui é bom à beça,
Que todo o mal a gente sempre esquece.
A ansiedade, aos poucos, vem e cessa,
Na hora de colher a farta messe,
Pois conseguimos pôr na sua frente
O texto, que lhe diz quem é a gente.

Só peço a Deus que tenha compaixão
Por tantos que lhe são indiferentes.
Eu sei que, um certo dia, adentrarão
O Reino do Senhor, muito contentes.
Mas, antes, quase todos sofrerão,
Pois, fora da verdade, são dementes.
Assim é que também me considero,
Mas, cheio de esperança, me tolero.

Está perto o Natal, festa gloriosa,
A ser lembrada aqui com alegria.
Devia destinar-lhe a minha glosa,
Mas minha rima ainda é *todavia*,
Ou seja, minha força não se dosa
Pelos esplêndidos dons da melodia
Que ultrapassa os limites desta dor,
Para expandir em luz, verdade e amor.

Eu simplesmente peço uma oração
Que envolva o meu leitor em poesia.
Consulte o bem que há no coração,
Fazendo o que eu jamais conseguiria,
Em versos em que o *sim* acaba em *não*,

Na luta contra a triste hipocondria:
Ampare o seu irmão, em meio à luz
Que expande no Universo o bom Jesus.

EM DIA DE TEMPESTADE

Não vamos cogitar de aqui compor,
Em dias de cruel estardalhaço.
A trova, seja boa o quanto for,
Sempre haverá de se perder no espaço.
Assim, eu recomendo, com vigor,
Que agora vá pegar papel almaço,
Que está a perigo o bom setor elétrico,
Que o nosso tema não quer ser mais tétrico.

Não tenho propensão para faquir:
É sofrimento injusto a pobre rima.
Eu sei que quer o nosso Wladimir
Pôr no papel a prova desta estima,
Mas há um tempo imenso, no porvir,
P'ra melhorar, ó raios, este clima.
Caso dê certo apenas uma oitava,
É porque a transmissão a chuva entrava.

Não liga este meu médium para o medo
E, intemorato, faz o bom trabalho.
Não quer deixar o posto muito cedo;
Não quer pensar jamais: *Agora eu falho!*
Mas quando vê que o verso é tão azedo,
Nesta improvisação de quebra-galho,

Percebe que amanhã é um outro dia,
Para o apanhado justo da poesia.

Esse sujeito aí não toma jeito,
Interessado mais num novo chiste,
Que possa vir dizer-lhe, com respeito.
Se é com amor que o gajo sempre insiste,
Esse tempinho extra eu bem aceito,
Porque não quero vê-lo nunca triste.
O duro é que o leitor fica de fora,
Que é outra a lei do verso que vigora.

Então, vou resumir a situação,
Que a tempestade já está mais calma.
Houve faíscas salpicando o chão,
Deixando mui pequena a nossa alma.
P'ra receber do etéreo a vibração,
O nosso bom amigo a mão espalma,
Pois seu desejo de servir supera
O medo de vir logo p'ra esta esfera.

Ao desligar a máquina eletrônica,
Não tinha que temer perder o verso,
Mas ganhou o tema uma outra tônica,
Estando no presente agora imerso.
A mente sente a rima, catatônica,
Enquanto co'o leitor aqui converso.
Talvez possa extrair qualquer lição;
O mais certo, porém, é dizer *não*.

Como provar, no fato, que o improvisado
Não é a forma de valor corrente?
Eu não sabia só que o meu aviso
Iria refletir-se-lhe na mente.
O resto estava pronto e agora biso,
Leitura mui fiel que levo à gente,
Para pensar nos itens da existência,
Em forma diletante ou de ciência.

Mas, no final da vida, o bem se acerta:
Ludibriar o povo é inoperante.
A morte é, simplesmente, a porta aberta,
Para mostrar que a alma segue adiante.
Assim, esta poesia a gente oferta,
Para provar o amor ao semelhante,
Esteja confiante no futuro,
Esteja a equilibrar-se sobre o muro.

Não sei se convenci o meu leitor
De que é lorota apenas o improvisado.
Quando aqui vem o verso seu propor,
A turma julga sempre ser preciso
Deixar, na trova, um bem de grão valor,
Sem prometer abrir-lhe o paraíso.
Então, faz com que pense ser verdade
O enredo, p'ra que a imagem mais lhe agrade.

O dia esteve mais ameaçado,
Porque o caro médium fraquejou,
Mas, quando o medo foi ultrapassado,
Ouviram-me a repetir o *aqui estou*,
Tão próprio dos poetas deste lado,
Que gostam de ensaiar o nobre *show*,
Para agradar e pôr em segurança
Aquele que nos serve e jamais cansa.

O exemplo vivo que me trouxe aqui
Estava pronto já, há uma semana.
Tendo caído a chuva que previ,
Pedi ao mestre a tarde mais insana,
Na parte em que descasco o abacaxi,
Ouvindo alguém dizer: — *Ele se engana*,
Se pensa que lucrei com sua vinda!...
Senti que a emenda está pior ainda.

Mas agradeço a Deus a persistência

Que demonstrou o irmão que me atendeu.
Bem sei que, para a trova, a tal frequência,
Em grande parte, a turma me valeu.
Mas foram doze estrofes, contingência
Que tive de ditar: crédito meu.
Porém, quem mais ganhou foi o leitor,
Que sabe, agora, o quanto é bom compor.

PARA O MÉDIUM E FAMÍLIA

Não tenho como te deixar contente,
Que a rima que hoje trago é muito feia.
Mas vou levando a trova para a frente,
Que, ao menos, meu irmão não titubeia
E escreve, no papel, serenamente,
Levando, para o verso, uma hora e meia,
Que é quanto aguenta o espírito encarnado
Permanecer de transe neste estado.

Eu devo aproveitar-me desta hora,
Para mostrar ao povo a sã doutrina,
Porém, se a minha rima não melhora,
A ideia há de ficar bem pequenina.
Assim, faço menção de ir-me embora,
Para livrar-me desta rude sina,
E me arrependo, ao ver que mais sofrida
Está do meu irmão a triste vida.

Descabelar-me, então, por este verso
É coisa de somenos, parvoíce.
Ficar sem dizer nada é que é perverso,
Mas eu pensei que nada conseguisse,
Então me pus no bom trabalho imerso,
P'ra não lembrar depois: — *Eu bem que disse...*

E agora aqui demonstro o resultado,
Que me causou surpresa e até agrado.

Eu recomendo, pois, ao bom amigo
P'ra que não percas tempo nessa vida.
De que te adianta olhar p'ro teu umbigo,
Se é triste o que acontece a quem duvida?!...
Se julgas que vais mal, ao ir comigo,
Enfrenta, com denodo, a dura lida
E põe no teu *curriculum* a prova
De que o trabalhador o amor renova.

Eu disse que o trabalho o mal redime;
Alguém pode dizer que o verso empolga.
Assim, o versejar é bem sublime,
Que ocupa o nosso tempo e nos dá folga.
Mas, quando o verso é mau, é puro crime:
É nele que noss'alma mais se amolga.
Por isso é que o perigo é mui constante:
Vamos amar ao Pai, que o amor garante.

Não quero que este verso seja causa
De sofrimento extremo ao bom leitor,
Que aproveitou da lida simples pausa,
Para saber o que te vim propor.
Não são suores, como em menopausa,
Por transtornar-te a vida exterior:
É a regra mais antiga de Jesus:
A de levar com calma a triste cruz.

Foi esse o ensino que deixou o povo
Impressionado, com a forte luz.
Se repetisse a vida aí, de novo,
Iria ver que a lei ninguém seduz.
Mas, ao morrer na cruz, eu me comovo
E ponho no meu verso, pois reduz,
Tremendamente, a rima que não rende,
Porque, ao falar do Cristo, a gente entende.

Engatinhei no verso e estou de pé:
Espero dar uns passos para frente.
Eu sei que vão pensar em marcha à ré,
Porque não há cristão que a trova aguenta,
Porém, não vou perder a minha fé,
Que eu sei que há uma pessoa resistente,
Capaz de me aplaudir, e sem injúria:
A esposa deste amigo, a Dona Núria.

Não pude resistir a esse chamego,
Que a moça tem por nós muito respeito.
Porém, não vou privá-la do sossego,
Fazendo um verso, tolo, mau, suspeito.
Preciso dar ao tempo bom emprego,
Assim, retomo a rima em que receito
Amor ao semelhante no trabalho,
Conforme eu vejo a moça em seu borralho.

Eu avisei que a rima vinha pobre,
Mas, mesmo assim, te dei o meu recado.
Espero que o Senhor jamais me cobre,
Por transmitir um falso desagrado,
Pois, antes de faltar, melhor que sobre,
Assim, cobri de luz, Jesus amado,
A todos que me lerem, na esperança,
De que a felicidade aqui se alcança!

RIMAS DE SOFREDOR

Angústia, pranto, dor inconsolável,
Somente quando não se tem mais fé.
Sabendo quanto o Pai é amável,
Não há temer que a vida não dê pé.
Para tornar a morte confortável,
Devemos ter noção de como é
A lei que rege a força do destino,
Como indicou Jesus, em puro ensino.

A vida toda aí passei clamando:
Não conseguia equilibrar a sina.
Interrogava o Pai: — *Mas até quando
Vai perdurar a dor que me arruína?*
*Senhor, por que não dá ao meu comando
A nau que a tempestade tanto inclina?*
Quando cheguei, depois de rude briga,
Vi que a existência, mesmo aqui, periga.

Caí no Umbral, sempre rugindo e triste:
Não compreendia a causa desse fim;
E não sabia que a esperança existe,
Por tudo ser ali muito ruim.
Pensei no Inferno e, pondo o dedo em riste,
Disse: — *Senhor, você é mau assim
Porque pregaram o seu filho à cruz.
Mas que fiz eu, para existir sem luz?*

Espernei por muito tempo mais,
Pois não me dava acreditar no amor.
Na Terra, dei trabalho aos meus bons pais,
Sem suspeitar um pingo o seu valor:
Sem eles, minha nau, ali no cais,
Sempre estaria, p'ra aumentar a dor.
Deram-me a vida pobre de seu lar,
Mas era tudo o que podiam dar.

Nas trevas, era tudo sofrimento:
Ninguém com quem pudesse conversar.
A solidão me fez pensar no intento
Da construção de tão triste lugar
E concluí que a vida, sem tormento,
Nenhum santo botou sobre um altar,
Pois me lembrei dos mártires famosos,
Que viam em Jesus seus nobres gozos.

Então me conformei, por ser mesquinho,
Percebendo, enfim, minha maldade:
Jesus me abria n'alma o bom caminho,
Mas, muito tolo, qual Marquês de Sade,
Não via a rosa, mas colhia o espinho,
Pois nunca de ninguém senti piedade.
Fendeu-se sob os pés o fundo abismo
Do orgulho, da vaidade e do egoísmo.

A compreensão dos dramas me valeu,
Que alguém me foi buscar na escuridão.
Nessa ocasião, pensava como ateu:
Não *dava bola* para ser cristão,
Mas, mesmo assim, a luz que se acendeu
Me confirmou que a dor não fora em vão.
Se prosseguisse vivo, como antes,
Não ia dar valor aos semelhantes.

Foram meus pais que tanto pelejaram,
Por ver-me livre, enfim, do tal abismo.

Por muito tempo aqui me acompanharam,
Tentando me ensinar o Cristianismo.
Imprecações lhes disse, mas calaram,
Para não provocar o cataclismo
Que iria arremessar-me noutra vida,
Completamente louco, sem saída.

Não são fáceis as coisas, cá no etéreo
(Não quero engrandecer-me, mas não são):
Quem chega com problema muito sério
Vai ter de dominar seu coração.
Não há p'ra ele, nunca, refrigerio,
E, quando está feliz, não tem noção,
Pois pensa no futuro com grandeza
E a luz conserva sempre sob a mesa.

Por isso é que agradeço muito ao Pai
Ter vindo para a rima desta tarde.
Não posso confirmar se a lei se extrai
Da trova que mostrou que fui covarde,
Mas sei que quem tem fé, no Umbral, não cai,
Desde que a caridade não retarde.
Hosanas, ó Senhor, vos digo em prece,
Que aqui onde hoje estou o Céu parece!

41

MEU TRISTE DRAMA

Pretendo aqui expor meu triste drama,
Que a vida transcorreu em feio clima.
Ao peixe cresce sempre a bela escama;
Em mim, só ressecou a nobre estima,
Porque fui rejeitar a quem me ama,
Querendo cortejar a minha prima,
Antigo sentimento incontrolado,
Que era para ser ultrapassado.

Jamais concretizei o vil desejo,
Que amor não se conquista por querer.
Se hoje eu raciocino, é porque vejo
Que existe a boa norma do dever.
Mas, cego, aí na Terra, o tal cotejo
Não pude, sem malícia, resolver,
E assassinei a moça que não quis
Unir-se ao primo, para ser feliz.

Aquela que me amava se perdeu
Na escuridão da cela de um convento.
Eu nunca mais a vi, problema meu,
Que agora não me sai do pensamento.
Eu sei o que nos diz o Bom Judeu:
— *Reconciliai-vos, dentro de um momento,*
Que a vida passa rápida por vós:

Se for mui grande o ódio, dor atroz.

O que dizer, então, da minha prima,
Que despachei p'ro etéreo, com rancor?!
Julguei que morte assim o mal sublima,
Mas, antes, há de exterminar-se a dor.
Se os galhos estão secos, a vindima
É só recordação do lavrador.
Ao encontrar a moça, desandei:
Fugi, sem respeitar do amor a lei.

Eu fiz, no etéreo, o que fizera antes:
Separação invés de casamento.
Os erros que cometo são flagrantes
Excessos de egoísmo violento.
Dizendo muito amar aos semelhantes,
Fui-lhes causa, sim, de grão tormento.
Não posso vir, agora, p'ra queixar-me:
Preciso proceder ao meu desarme.

Falei coisa com coisa, até agora,
De modo extravagante mas leal;
Deixei claro que a lei que aqui vigora
Há de seguir seu curso natural:
A solução p'ra mim vem com demora,
Que é lenta a compreensão de tanto mal,
Porém, vou refazendo-me aos pouquinhos,
Tirando a um mais um destes espinhos.

Quem terá sido o nobre protetor
Que me tirou das trevas para a luz?
Inda conservo penumbrosa a cor,
Mas a força do mal já se reduz,
A ponto de rezar e de compor,
Agradecendo a Deus e ao bom Jesus,
As vibrações de amor e caridade,
Com que me ensina a turma e persuade.

Eu quero deixar presa a melhor rima,
Para pedir perdão, na tosca trova,
Àquela que me amou e à minha prima,
Que o verso que aqui faço mais comprova
Que estou sofrendo muito, sem a estima
Da moça que encerrei em negra cova
E com a dor da mágoa da freirinha,
Que percebe que a morte se avizinha.

Morri assassinado, na prisão,
E, bem depressa, quis cá revidar.
Mas cotejei o ato desse irmão
Com o meu crime tolo, mau, vulgar,
E pude agradecer a condição
Que me levou àquele mau lugar.
Não fora isso, eu estaria ainda
Pensando que esta dor seria infinda.

Não exagero, ao carregar nas cores:
Estou tremendo muito aqui no fim.
Não fosse o amparo dos meus bons mentores,
O resultado iria ser ruim.
Eu vou pedir a Deus encha de amores
A vida dos que orarem, mesmo assim,
Sabendo quanto mal eu fiz no mundo
E quanto sentimento aqui confundo.

42

COM MUITO AMOR

A minha mão colheu algumas flores
Que dei à doce amada, pela vida,
Porém, não foi um roseiral de amores,
Pois sofri tanto pela rude lida,
Mistério que entendi depois de horrores
De sofrimentos d'alma combalida,
Porque não respeitei os semelhantes,
Tendo voltado aqui pior que antes.

Agora, já me arrisco a vir contar
O que tramei, na Terra, o tempo todo,
As flores que colhi deram lugar
A espinhos que espalhei ali, a rodo,
E todo o mal que fiz foi devagar,
Passando para os outros tal denodo,
Que fizeram herói quem escorchava:
Por cima, a cinza quieta esconde a lava.

Era meu sócio um ser pobre e mesquinho,
Que incentivava o luxo, em grandes festas.
Queria persuadir-me que o caminho
Passava, obrigatório, nas florestas
Dos crimes contra o erário do vizinho,

Mas tais ações aqui são indigestas,
De sorte que o rapaz não tem sossego,
Porque conserva ao ouro forte apego.

Nem tudo está perdido p'ro coitado,
Porque lhe tenho afeto, mesmo assim.
Eu julgo estar, agora, noutro estado,
Porque já percebeu quanto ruim
Foi o procedimento desse lado,
Que lhe acabou causando o triste fim:
Apela p'ro Senhor tenha piedade
E pensa só fazer o que lhe agrade.

Eu mesmo conquistei o meu direito
De vir curtir a dor nesta *Escolinha*,
Depois de compreender que é com respeito
Aos outros quanta paz n'alma se aninha,
Tendo assinado o compromisso: — *Aceito*
Permanecer no estudo, em dura linha,
Até que se supere todo o mal,
Seguindo da Doutrina esse ideal.

Eu rezo aqui por ele, todo dia,
A ver se lhe transmito a minha paz.
Se lá pudesse ir, eu bem iria,
Para reconfortar o meu rapaz,
Mas não posso exercer filantropia,
Pois controlar o mal não sou capaz:
As vibrações que emito donde estou
Não mostram realmente quem eu sou.

Faço a poesia, sim, com sacrifício,
Mas levo para a luz, com muito agrado.
Eu sei que vão dizer: — *Mas que estrupício;*
Ao menos, cá viesse melhorado.
Mas quero surpreendê-los nesse vício
De tudo desgostar, se o tal recado
Aponta p'ro mistério e diz: — *Querido,*

Dizes que estás tão bem, mas eu duvido!

Preciso agradecer agora ao moço,
Que veio tão em dores¹ para o verso.
Queria a boa fruta sem caroço,
Mas o meu tema esteve mui diverso,
De sorte que o poema é leve esboço,
Puxando fortemente p'ro perverso.
Enquanto a rima extraio a marretada,
Eu sinto que a poesia é quase nada.

A turma que faz versos lhe promete
Unir-se em preces, a partir de agora.
Ainda pintaremos nosso sete,
Que a lei do amor no etéreo mais vigora.
Em sendo assim, espero que não vete
A rude rima, à vista da demora.
Aos poucos, todos vamos para o Alto
À custa de um ou outro sobressalto.

Se, acaso, o nosso amigo piorar,
Que o corpo do encarnado está p'ra isso,
Não queira vir ao posto trabalhar,
Porque aceitou um dia o compromisso.
Alguém há de ocupar o seu lugar,
Pois não dá conta um só deste serviço.
Eleve os pensamentos a Jesus,
P'ra receber em bênçãos doce luz.

¹ Sofria este médium um ataque de embolia pulmonar. O texto seguinte (*Reacendendo as esperanças*) me foi ditado na UTI do Hospital de Santa Bárbara d'Oeste.

REACENDENDO AS ESPERANÇAS

Meu nome é Manuel do Val de Flores.
Faz muitos anos que deixei a vida.
Porque pensava ter plantado amores,
Cá não vim com minh'alma arrependida.
Não quero que tu penses que, ao compores,
Uma última trova te convida:
Ao leito hospitalar, eu venho agora;
Iria à casa tua, noutra hora.

Não quero dar trabalho ao bom amigo
E me vou retirar, tão já termine.
Sei bem que estou em zona de perigo
E que nada irei ditar em tom sublime.
No entanto, ao me calar, eu me castigo,
Porquanto desejei que o verso rime,
P'ra te dizer que a vida me foi leve,
O que te vou contar, de forma breve.

Na Terra, fiz o bem sem ver a quem
E dei esmolas sempre que pediram.
Mulheres, tive muitas, mais de cem,
Amores que plantei e que feriram.
Ao desamparo, não deixei ninguém:
Algumas só entraram e saíram,
Mas houve duas a quem devo a luz,
Dando-me Deus, em nome de Jesus.

No tempo em que vivi, o sacerdócio

Era, das profissões, abençoada.
Pensava eu, apenas, em ter ócio:
Em sendo rico, não fazia nada.
No fundo, eu era só um capadócio,
Mas dava do que tinha à mulherada,
Perdoando o pecado e a fantasia:
Tudo muito prosaico; sem poesia.

Jamais marido algum me atormentou,
Que as confissões ouvia e me calava.
Discreto eu era e, hoje, ainda sou:
Via cada cisquinho e não a clava,
Até que grosso escândalo estourou
E preso lá fiquei, por dura aldrava,
Mas anjo de bondade e de ternura
Me libertou, à vista de uma jura.

Desfiz os votos p'ra gozar fortuna,
Porém, a vida laica não vingou,
Pois toda relação era importuna:
Um tal de *alguém não quis nem aprovou*.
Um dia, eu conheci uma gatuna,
Que me fingiu amar e me roubou.
Sonhava co'a batina, novamente,
E com a paz moral que o padre sente.

Mamãe recomendou e me exigiu
Tratasse das mulheres com carinho:
Alguma encontraria com mais brio,
Que iria dar-me o bem do seu caminho,
Porém, ao aceitar o desafio,
Iria ter a rosa e mais o espinho,
Pois ser feliz na vida é só quimera:
O gozo do melhor é noutra esfera.

Durante um tempo enorme, eu hesitei,
Pois não queria compromisso sério:
Lembrava das mulheres que roubei,

Achava, em suas almas, só mistério;
Temia que a traição era de lei,
Que o verdadeiro bem vinha do etéreo,
Mas encontrei um anjo de candura,
Menina ainda, ingênua e muito pura.

Trinta anos a mais, eu tinha, então:
Três vezes a idade que vivera.
Levei-a a passear na região,
A irmã mais nova era a companheira.
Contive o quanto pude a tal paixão.
Contei-lhe o que fizera a vida inteira,
Mas, mesmo assim, me quis para marido,
E fui pela família recebido.

Dez anos, nós vivemos nesse céu
De amores impolutos e sadios.
Um dia, veio a crise: um escarcéu,
Ciumeira desmedida, grossos rios:
Havia eu rompido o espesso véu
E muitos sentimentos eram frios.
Maridos perseguiam-me, raivosos;
E eu não queria ver a esposa em gozos.

Mamãe me precedera de alguns anos
E intercedeu por mim junto aos mentores.
Havia errado muito nos enganos,
Porque pensava ter plantado amores,
Mas meus trejeitos eram tão insanos
Que me largaram junto a confessores
Que não foram fiéis aos votos santos
E agora tresandavam tristes prantos.

Foi trágico saber que havia errado,
Que tanto fora o bem que aí fizera.
Mas os valores mudam do outro lado,
Pois tudo é diferente nesta esfera.
Aqui se estabelece que o chamado

Não tem que pôr ninguém em longa espera:
O compromisso aceito é de verdade:
E eu bem olhei a quem, na *caridade*.

Mas houve quem rezasse aí por mim:
Eu não fui santo mas não fui demônio.
Fui bom com uns; com outros fui ruim;
Minha vida moral, um pandemônio.
Não fora por maldade, agindo assim,
Melhor que eu, porém, um tal campônio
Confundiu-me o bestunto o pensamento
De que eu valia menos que um jumento.

Eu não me conformei co'a companhia:
Afinal, fora expulso dessa Igreja.
Queria vir à Terra, como guia,
Que a vigilância dela, então, se enseja,
Mas o campônio disse não podia,
Que eu tinha era intenção bem malfazeja;
Quisesse progredir aqui no etéreo,
Fizesse, na *Escolinha*, um curso sério.

Lutei tremendamente contra o ciúme,
Pois via a doce amada em outros braços.
O mestre me fez ver: são de costume,
Encarne após encarne, os embaraços:
O amor universal, se posto a lume,
Abrange os seres todos dos espaços.
Amor exclusivista é egoísmo:
Paixão voraz que habita fundo abismo.

E como argumentar co'o benfeitor,
Se tantas eu roubara dos maridos?!...
Pretendi, com malícia, então, compor
Que os crimes não podiam ser punidos,
Porque, na conjunção, não houve amor,
Apenas bons prazeres compartilhados.
Mas perguntou-me ele, com cordura,

Onde deixara eu a nobre jura...

Roguei para mamãe me socorresse,
Que me mostrasse o seu amor ao pai.
Fez com que linda tela se acendesse,
P'ra mostrar a verdade que se extrai
De exemplo que, sem dúvida, valesse:
E vi bela moçoila que se vai
Em busca de um rapaz trabalhador,
Que meu avô vetou, pai e senhor.

Ninguém é de ninguém: esta é a verdade,
Mas somos filhos, sim, de um Criador.
Fui muito mulherengo, em outra idade:
Pensei no sacerdócio p'ra dispor
De força, p'ra ficar na sociedade
Isento dos excessos desse *amor*,
Contudo, já se viu o que ocorreu,
Com quem não teve pulso e esmoreceu.

Agora que compreendo certos fatos,
Percebo vibrações da cara esposa:
O seu amor por mim manteve o *status*,
Mas tem um novo amor, com quem repousa.
Tempos atrás, faria espalhafatos,
No entanto, o coração apenas ousa
Orar para que seja mui feliz
Quem deu à flor do amor funda raiz.

O meu trabalho, agora, é restaurar
Os lares que desfiz, inconsequente,
Mas isso leva tempo, pois meu mar
Encapelou o ódio dessa gente.
Por isso é que caminho devagar,
Que o mais que pensam é que o padre mente.
Representava Deus entre os mortais:
Não podem conceber-se meus iguais.

Eu peço a Deus, em preces, todo dia,
Que dê paciência a quem é bronco d'alma.
Muitos querem saber já de Maria,
Se recebeu de Deus do amor a palma,
Ou se viveu amores, todavia,
Crescendo nas virtudes, boa e calma,
Casando com José, bem velho, embora,
Crendo na Anunciação, sem mais demora.

Morreu José, mas não ficou sozinho:
A antiga esposa estava à sua espera.
Ele aceitou tão logo o bom carinho:
Chegara com saudade à outra esfera.
Fora gentil com todos, no caminho:
Sinceridade d'alma apenas gera
Recepção alegre e comovida,
Dizendo proveitosa a nobre vida.

Havia tantos seres para vê-lo:
Espíritos de escol; gente importante.
Ficou envergonhado com tal zelo:
Apenas ajudara o semelhante.
Com a solicitude desse apelo,
Interrogou os mestres quem garante
Que não iria dar co'os burros n'água,
Que amava outra mulher, a causar mágoa.

Desencarnou Maria, em plena graça,
Depois de sofrer tanto por Jesus,
Que ensinou a José o que se passa
Quando se vive sob a sua luz.
Mas, antes de José, Maria enlaça
A esposa que primeiro teve a cruz.
E os quatro se tornaram multidão,
Formando, lá no Céu, grande nação.

E desses campos desce a inspiração
Para animar-nos a escrever poesia

Que possa confortar o caro irmão
Que sofre, por amor, muita agonia.
Um dia, nossos temas servirão,
Quiçá, de verdadeira estrela-guia,
Para que não se pene inutilmente,
Querendo impor o sentimento à gente.

O amor entre os humanos segue normas
Obrigatórias, p'ra quem é imperfeito.
Na evolução da lei, há outras formas,
De modo que o amor toma outro jeito.
Mas, como progredir, se não reformas
Tua infantil postura de respeito?
Kardec achou a fé raciocinada:
Jesus deseja a paz divinizada.

Assim, eu vim pregar a evolução,
Como norma de chegar até Jesus.
Peço ao bom leitor o teu perdão,
Se disse muito e a nada se reduz,
Porém, se dedicares atenção,
Emprestarás ao texto a tua luz
E rogarás ao Pai por todos nós,
Que atenderá ao som da tua voz!